

A NOVA GÊNESE
(trechos)

Fabian Balbinot

Dedicado a Michelle Pfeiffer
“... a mulher mais linda deste mundo...”

(...)

- Acho que já chega - disse com naturalidade a mulher, recostada em sua cadeira de rodas. - Não suporto mais ver isto.

Era uma naturalidade falsa. Ela tinha estado durante todo o tempo mantendo uma preocupação secreta e crescente com aquele jovem no quarto fechado, e com o que de mal pudesse lhe acontecer. Pobre coitado... *Quantas vezes* ele tinha caído até agora? Três? Ou seriam quatro, somando-se mais *este último* tombo?

- Tem certeza? - perguntou uma outra voz, à qual a mulher na cadeira de rodas já tinha se acostumado, apesar de ainda não aceitar por completo.

- Hã?... Ah, sim, é claro - ela argumentou, sem tirar o olho do grande telão silencioso que tivera pleno êxito em absorver toda a sua atenção nas últimas horas. - Ele já não agüenta mais. Daqui a pouco irá cair de mau jeito. Vai acabar quebrando uma perna.

- Podemos tratar de qualquer acidente sem problemas - respondeu, sem vacilar, a outra voz.

- É, eu sei. Você pode fazer *qualquer coisa*. Mas eu acho que já é suficiente. Ele deve estar sofrendo muito... deve estar com a cabeça fervendo... - ela fez uma pausa, fechando os olhos esgotados em decorrência ao drama que a tela exibia, procurando as palavras. - Afinal, deve fazer mais de cinco horas que ele...

- Sete - a outra voz antecipou-se, com frieza. - Fora os minutos, segundos e centésimos, que a meu ver são irrelevantes.

- É... eu sei - a mulher na cadeira de rodas virou-se para fitar o rosto de mulher velha e experiente que devia estar observando-a por trás de seu assento. Fazia bastante tempo que não tomava a drástica atitude de encarar aquela estranha face de frente, e vê-la assim era algo que ainda lhe enchia de receios. Aqueles olhos verdes, quase amarelados... - Solte-o, por favor - ela rogou, por fim. - É suficiente o que eu passei.

- Foi melhor que o aprendizado tivesse começado por você. Mulheres entendem umas às outras com muito mais facilidade do que podemos entender aos homens...

- Mãe... - não era o costume daquela jovem semi-paralítica chamar o rosto impassível de mulher velha desta maneira, como lhe tivera sido possibilitado fazer, entretanto, parecia ser nesta hora um modo excelente e garantido de interromper a formalidade dos comentários que esta tecia. - Apenas solte-o

A outra não se fez de rogada. - Já estou providenciando. Pode ficar calma.

Tendo o seu pedido satisfeito, a mulher de outra meia volta em sua cadeira, voltando a acompanhar o que se passava no vídeo plano com o olhar compenetrado, ansioso. Afastou com a mão o cabelo liso que se espalhara em mechas louras pelo rosto.

- Você não vai recebê-lo? - disse sem muito entusiasmo, a título de complementação, a voz pouco feminina que vinha de trás da moça.

- Hã?... - de novo ela, que ainda enrolava o cabelo nos dedos, foi pega de surpresa. Era um costume que, entre tantas divagações, terminasse esquecendo-se da realidade diferente que a cercava. - Ah, *vou sim...* mas...

- O que foi?

A jovem sacudiu a cabeça. - Ah, nada não! Eu *estou ficando louca*, só isso! Pode abrir o quarto dele que eu já vou.

- O problema com vocês é que não sabem nem o que estão fazendo - reprovou aquela voz de madrastra, o que já era de se esperar, afinal, como toda pessoa mais velha que se preze ela também sabia dar seus conselhos sapientes e puxões de orelha. Não que fosse uma chata, pedante e caprichosa, aquela mulher velha com sua voz inexpressiva. Ela apenas cumpria com rigor o seu dever como tutora que era, função esta que executava com inabalável perfeição. Nem muito disciplinadora, nem muito liberal; era o perfeito meio termo. Fez sua reprimenda, a velhota, e desapareceu.

A imagem foi clareando e clareando na tela, até que esta não passasse de uma moldura branca, coberta de motivos floreados, sem nenhuma obra de arte divisada entre suas vigas decoradas. A mulher na cadeira de rodas suspirou, por já saber o que iria acontecer com aquele vídeo, misto de quadro de museu e *display* gigante de calculadora. Girou outra vez a cadeira, buscando a saída daquela sala pequena onde estava. Ouviu o aguaceiro distante de sempre e teve de fechar os olhos, reprimindo um soluço pesaroso.

A cadeira móvel, desde o princípio, desde *a queda*, funcionara muito bem, com seus motores silenciosos e sua alavanca sensível. A mulher nem percebia mais o que estava fazendo quando balançava aquele *joystick* de *videogame* de um lado para o outro, para a frente e para trás, originando um fraco zunido. Era como caminhar. Faziam três dias desde a queda, desde o susto, se é que o tempo que se passava ali, dentro daquele *mar de corredores*, podia realmente ser medido assim, em dias, em noites. Talvez tivessem se seguido vários dias e várias noites desde que estreara a cadeira de rodas; talvez não fossem mais do que três, do que *dois* dias. Pediria para que a madrastra explicasse tudo depois... talvez.

Vagou pelos salões brancos sem nenhuma pressa. A cadeira automática não seguia mais rápido do que uma caminhada lenta. Entrou em um corredor branco como tudo e acabou dando de cara com um beco sem saída.

"*Droga!*", pensou irritada, e fez a volta. Era tudo tão parecido por ali, tudo tão fastidioso, repetitivo. Uma sucessão imprevisível de becos iluminados. Tinha se perdido muitas vezes nas primeiras incursões que fizera nesse lugar de paredes brancas e luminosas, e isso quase a deixara louca, se é que já não estava louca há muito tempo. Mais tarde aprendeu que poderia chamar a madrastra sempre que estivesse perdida; a mulher velha conhecia todas as dependências do lugar como se fossem as palmas de suas mãos, e podia tirá-la de qualquer enrascada simplesmente abrindo uma porta, ou então várias, refazendo todo o caminho que teria de percorrer para poder alcançar um lugar mais central, mais seguro, mesmo não acreditando que pudesse existir um lugar assim, central, ou mesmo seguro, dentro desse fim-de-mundo descolorido de salões e corredores.

Poderia chamar a "Mãe" sempre que quisesse, para perguntar o porquê das coisas, para abrir caminho, para tudo; e poderia ter feito isso agora mesmo, só pra poder chegar mais rápido ao quarto dele, do dorminhoco, mas não o fez. Não queria ser interrompida em suas reflexões, e preferia, ao menos uma vez nesta sua nova e curta vida, encontrar sozinha os caminhos, aprendendo a localizar-se ali, naquele berçário, por sua própria conta. Gostava de se sentir independente.

Desviou do corredor errado, voltando até bem perto do ponto de onde tinha saído. Pensou que encontraria a mesma saleta que tinha deixado à direita e o salão contíguo e grandioso à esquerda, assim que saísse pela boca estreita desse beco em que entrara, mas espantou-se ao encontrar um único corredor, mais largo, que interrompia o seu, desviando em um ângulo fechado para a esquerda. Havia também uma grande seta indicando o caminho; uma seta escura, cinzenta, em alto relevo, grudada como deveriam estar os quadros que faltavam na parede à sua direita. A seta apontava à esquerda, como se houvesse algum outro caminho a seguir. Com o olhar abatido, ela agitou a alavanca de sua cadeira motriz, e seguiu o rumo indicado pelo sinal.

Isso, essa atitude da madrasta servia só para contrariá-la e deixá-la ainda mais entediada. "*E precisa perguntar alguma coisa?*", pensou, "*Ela sabe tudo!*"

Sim, a velha senhora com certeza tinha percebido a direção errada que sua aprendiz, sua *bebezinha de colo* havia tomado, e providenciara de pronto aquele novo corredor e a flecha enorme tanto quanto desnecessária. Lembrava muito aquela história da criança levada cuja babá tira o doce ou o brinquedo de sua mão, castigando-a por alguma pirraça que tenha feito. O menino já sabe do castigo e nada mais precisa ser feito, porém, a tutora diz e repete assim mesmo: "*Você não vai mais ganhar isto, só para aprender!*" Sim, só para aprender.

Continuou avançando pelo corredor recém formado, no sentido único que este lhe permitia. Por que uma flecha indicando para virar e seguir pela esquerda se esta era justamente a única direção que poderia ter tomado? Ora essa! Não era assim tão burra para não perceber qual o caminho que deva ser tomado quando há *apenas um* caminho pela frente! Em lembrando-se, pois primeiro teria que dar as boas vindas ao recém-chegado, falaria à madrasta sobre este aspecto de que ela pelo menos não era nenhuma criança imbecil, desorientada, e que não precisava em absoluto ser tratada como tal. Ou se não fosse assim, o que viria *depois* de uma flecha indicando um único caminho tal como se houvesse vários? A velha senhora podia até se entusiasmar com a idéia, providenciando uma daquelas grades, uma jaulinha gigante de bebê, e também uma mamadeira e uma chupeta... *Faça o santo favor!*

Viu que o corredor era muito irregular, cheio de leves curvaturas que não permitiam ver seu fim. Era levemente zigzagueante, como se fosse um teste para medir a sua habilidade no manejo de seu pequeno veículo. Todavia, poderia com iguais chances ser apenas uma distração, apenas um passatempo, e assim sendo aquelas distorcidas insinuações no trajeto não teriam nenhum significado. Como saber? Já tinha passado por corredores retos, tortos, em forma de escada, repletos de dobras e cantos e curvas,

desde que começara a usar a cadeira de rodas. Tinha estado tão fascinada com a luz e o cenário, a princípio, que chegara a emudecer, seguindo sem pestanejar os conselhos da madrasta como se fossem ordens que deviam ser obedecidas à risca. Rodara e rodara por dezenas de quilômetros, explorando e explorando os contornos de paredes brilhantes que nunca se repetiam; sempre enveredara por lugares diferentes e desconhecidos, passando por túneis, arcadas, pilares gregos que bem podiam ter sido romanos, baseando-se na confusão completa das suas lembranças. Roma e Grécia já não passavam de figurações abstratas em sua mente, uma vez que não saberia dizer-lhes os nomes. A própria história havia deixado de existir, deixando um vazio amargo naquela sua cabeça onde tudo era palpite e nada era certeza, o que talvez fosse mesmo a *única* certeza...

E o rapaz, o dorminhoco... a velha falara tanto dele, do que devia acontecer com ambos, das provações que teriam pela frente...

"Deus, tomara que ele seja forte..."

Sabia ter toda a razão de pensar assim. Não havia desatado a chorar como uma desesperada até agora porque fora sobrecarregada de novidades e distrações, entretendo sua atenção e acabando com os seus músculos enfraquecidos. Tinha que andar de cadeira de rodas, submeter-se a atividades que pareciam uma espécie de fisioterapia e a testes cansativos, acostumar-se com a nova vida, colocar as coisas nos seus devidos lugares. Quem mandou ter acordado *tão cedo*?

O rapaz sim, devia ser muito mais forte do que ela, senão na cabeça ao menos na musculatura. Isso porque ele estava completo e sairia tão somente hoje de seu útero quadrado de repouso; somente hoje, no tão folclórico sétimo dia. Azar tinha sido o dela, que começara a espernear ainda no quarto dia, por causa daqueles sonhos. Havia acordado muito cedo, a *"Mãe"*... dissera-lhe que tinha acordado muito antes do horário marcado. Em outras palavras, ela era prematura, o que queria dizer que ainda faltava muita coisa química - como enzimas, hormônios e outras tantas substâncias de nomes esquisitos - que devia ser ativada, colocada dentro de seu frágil corpo de mulher.

"Mãe"... não conseguia chamar a mulher velha deste modo; preferia *madrasta* - parecia mais... adequado, em se considerando as inusitadas circunstâncias que envolviam o seu *"renascimento"*, por assim dizer, e também o tom de voz exigente, formalíssimo. Apesar de ater-se a convencionalização do primeiro nome ao falar, mantinha aquela referência menos amistosa ao pensar naquela criatura tão incrível e poderosa...

Faltavam muitas substâncias serem assimiladas, e agora que ela estava acordada, levaria muito mais tempo para que isso se realizasse. Daí a cadeira de rodas, as estranhas fisioterapias diárias que ainda lhe causavam muitos temores, os exercícios. Ainda não estava pronta, com o corpo completo como uma pessoa adulta e normal deveria ser, e isto, dentre tudo o que a madrasta tinha lhe explicado, era o que ela podia entender mais facilmente. Se tivesse esperado os tais sete dias, como o dorminhoco fizera, ambos teriam acordado juntos, teriam nascido juntos, e iriam descobrir as coisas juntos, um reanimando e consolando o outro nas horas mais difíceis, nas horas mais desanimadoras. Ou talvez enlouquecessem juntos, de uma vez.

Como era horrível ter enfrentado tantos desafios, ter se adaptado a tudo isso sozinha, ela pensava. "*Jamais... jamais quero passar por tudo de novo, por tudo o que passei... por tudo o que ainda estou passando.*" O rapaz poderia ser fisicamente mais forte, mas será que conseguiria suportar tantas e tão consecutivas provações? Talvez sim, talvez não, mas o certo é que ela também era uma forte. Estava ali, passeando pelo seu corredor de número trinta-e-tantos, segundo seus últimos cálculos, dentro de um cenário branco, fulgurante e repetitivo que levaria qualquer indivíduo mais sensível à loucura, ao delírio completo, e ao hospício mais próximo.

Ela tinha sorte: não havia hospício mais próximo que não estivesse muito distante, milhares de anos, eras distante; e ela também não estava muito disposta a perder a cabeça, caindo alucinada em meio a toda a loucura da madrastra e suas paredes. Era muito prudente, muito dona de si, mesmo desconhecendo o próprio nome, mesmo chorando como uma débil a cada quinze minutos.

Talvez fossem apenas as tais substâncias que faltavam ou que havia em excesso em seu corpo que estivessem sedando e evitando que enlouquecessem.

Como poderia saber, como poderia conhecer ou mesmo definir todas as capacidades daquela velha e de suas paredes mágicas de neve? Já tinha podido ver o impossível transformar-se em indiscutível realidade diante de seus olhos admirados, graças aos poderes mágicos das paredes. *Que coincidência!* Ora vejam se não estava percorrendo um corredor impossível, seguindo a orientação de uma seta cinzenta e impossível, sentada numa máquina antiquada de quinze mil anos atrás que era ainda mais impossível! Ah, e teria que dar as boas vindas ao único amigo, ao único companheiro que teria daqui por diante. Daria as boas vindas que conseguisse, com um otimismo impossível, ao seu provável *único amor* dentro de toda esta nova verdade, desta nova existência. E seu maior medo era justamente que essa amizade, que esse amor vindouro se convertesse em algo tão impossível quanto o resto; a única coisa *verdadeiramente* impossível.

Sentiu a vista turvando-se pelo assédio das lágrimas. Eram os dois únicos exemplares de uma espécie autodefinida como inteligente; uma espécie que fora extinta milênios atrás pela própria incompetência. A mulher na cadeira de rodas sabia disso muito bem, se bem que seu jeito comedido de ser ainda não tivesse lhe permitido assimilar esse novo fator, essa nova verdade e seus delicados detalhes. Ela ainda surpreendia alguns pensamentos mais esperançosos no exato instante em que estes tentavam confundi-la com suas abordagens muito amplas de assuntos que não tinham mais nenhuma importância, a respeito de coisas que já não existiam mais e que, portanto, deveriam permanecer enterrados em suas covas definitivas na história inútil que também não importava mais em nada.

Pensara muitas vezes na igreja; nas manchetes que queria ver no jornal para poder saber o que se passava do outro lado do mundo; e pensara também nos programas de televisão, nos filmes que queria ver; nas pessoas que queria conhecer. Até aí, tudo bem: pensar no passado não seria em definitivo a causa de sua ruína. Mas, naquela hora, dois dias atrás, em que teve o despropósito de perguntar à madrastra se podia ver algum filme daqueles que não abandonavam, estilhaçados em vagos fragmentos

inconsistentes, as suas lembranças... Bem, no instante seguinte, quando percebeu o disparate do pedido, é que lhe fora possível sentir o quanto os seres humanos tinham sido imbecis, e porque cargas d'água tinham conseguido a desmesurada proeza de destruírem-se a eles próprios. "*Eu queria ver TV, ver um filme na TV...*" Ah, como gostaria de ter visto a velha rir de sua cara por ter dito tamanha besteira. Mas isso seria pedir demais: a madrasta não sabia rir, não tinha porque rir. As emoções estavam terminantemente excluídas de sua natureza e em lugar disso, ela preferiu tecer breves comentários e estabelecer a negação, como era de seu feitio.

Restara à jovem sentir-se constrangida naquela ocasião. Sentira a maior vergonha de ter pedido algo que não existia mais, algo que não poderia mais voltar a acontecer. Depois ficou conhecendo melhor a extensão dos poderes da madrasta, o que não a impediu de tomar um certo juízo em relação aos pedidos insensatos. Fora por causa desta característica, da insensatez, que a sua espécie terminara se auto-destruindo.

E a Mãe nem pudera rir daquele seu deslize grotesco... máquinas não riem.

"Não, máquinas não riem."

Este foi seu último pensamento antes que abandonasse afinal aquele largo e desregulado corredor, dando de cara com o comprido aposento retangular, rente ao qual interceptavam-se mais alguns corredores e fundos de salas.

A "*porta*" já tinha sido aberta. Estava na hora de receber o *dorminhoco*. Esperara muito por este importante momento; parecia ter esperado por toda a sua vida...

"Espero que ele seja forte..."

* * * * *

Não teve confiança alguma em suas próprias chances, em suas próprias capacidades, aquele rapaz atônito, ao tentar dar mais um passo para a frente. Não conseguia mais acreditar que poderia ter algum êxito nessa tarefa louca de sair por aí caminhando, à qual se dispusera antes com tamanha ansiedade.

Caíra já por duas vezes, escorregando naqueles seus casulos de pano vermelho, que no fim não tinham culpa nenhuma pelos desastres. A culpa era toda sua, por não ter interpretado corretamente o que se passava com os músculos de suas pernas. Quantos paraplégicos tinham podido ficar de pé, por conta da força de suas vontades, naquelas imagens de documentários sem nitidez que remanesciam entre suas recordações; e quantos tinham desabado como colunas de pedra ao tentarem em vão dar um primeiro passo. Era o que se dera com ele: dois primeiros passos, dois tombos, além de duas frustrantes escaladas, cheias de sofrimento, suspiros e demorada introspecção, a fim de conseguir ficar ereto outra vez. Duas frustrantes escaladas... e agora, talvez, mais um primeiro passo.

Viu o sangue mais vermelho que as trouxas dos seus pés, quase transparente, deturpando o leite imaculado do piso, porém, foi só o que viu. A cabeça não ousava deslizar um centímetro que fosse além do restrito eixo do

pescoço, para poder evitar assim algum outro desequilíbrio. Pensou rápido e no momento seguinte a cabeça baixou como se fosse um pequeno elevador, sustentado pelas muitas vigas daquele corpo frágil, que também foi cuidadosamente baixado. Tendo o jovem se agachado, seus braços passaram a trabalhar frenéticos.

Quando voltou a colocar-se de pé, muita coisa, em seu corpo, em sua mente, estava mudada. O primeiro e tão esperado passo finalmente pôde ser dado, ou pelo menos, a metade de um primeiro passo. A perna direita, que tinha sido escolhida para ser impulsionada, jazia com o respectivo calcanhar distante uns dez centímetros aproximadamente do dedão do pé esquerdo, flutuando, longe do piso de leite duro, o que para o rapaz queria dizer tão somente que o passo estava longe de ser completado, o que se devia em parte ao seu senso de equilíbrio, que já o tivera decepcionado por muitas vezes, mas que agora estava acurado à perfeição de uma máquina. Entretanto, o adiamento de uma outra queda, que talvez viesse a se repetir mais adiante, devia-se muito mais à nova liberdade que concedera aos seus pés do que a qualquer outro fator ou explicação que pudesse ser inventada. Os sapatos escorregadios de lençol tinham sim as suas parcelas de culpa. Tornavam suas chances de manter o equilíbrio ainda menores.

É bem verdade que a reflexão vinha devido ao tempo, que se ampliava em decorrência da deficiência. No fundo, ele era o culpado de tudo; estava ali sozinho, e não tinha como acusar ninguém pelas coisas que tinham dado errado. Era bastante natural que boas doses de responsabilidade fossem transmitidas para todos os utensílios à sua volta, no caso do fracasso. Os casulos nos pés tinham sido uma boa idéia, levando-se em consideração as deduções que tinha feito. Ponto seu! Todavia, eram escorregadios, não conferiam nenhuma segurança às suas pernas, aumentavam o peso dos pés e, o pior de tudo, não interferiam, não faziam a menor diferença no caso dos possíveis efeitos de um contato mais intensificado com o chão, os quais até agora não tinham sido verificados. Nas duas vezes em que caíra, tivera literalmente *beijado a lona*, com todo o direito de experimentar (e reprovar) o gosto insípido da superfície fluorescente. Ponto contra... *as botinas de lençol!* É bom ser egoísta e incoseqüente de vez em quando, sob certos parâmetros.

Era mais uma ótima idéia ter retirado os bolos de pano dos pés, e isso só fazia aumentar sua vantagem no marcador. Era bom um pouco de otimismo, principalmente no seu caso, quando achava que tudo estava indo de mal a pior. E não era verdade que na falta de grandes problemas poderia existir um problema pequenino, um inimigo invisível... germes, reações posteriores, problemas imprevisíveis que, mais tarde, poderiam vir a tornar-se inevitáveis... doenças incuráveis, coisas assim? Tão aterradora constatação, tão tardia constatação deixava o score novamente empatado. Como no início, ambos os times, o seu e o do adversário, tinham as mesmas chances de ganhar.

Ele não sabia por que tinha essa mania de ficar fazendo comparações com contagens de pontos dos aspectos positivos e negativos de uma determinada situação, mas sabia perfeitamente o que era aquele tremor interno e angustiante que repercutira pelos seus nervos, puxando perigosamente a cordas dos músculos, retesando-os de imediato ao ter ele pensado em qual

poderia ser a conseqüência daquele seu ato imprudente de retirar a isolação de tecido dos pés. Sabia bem o que queria dizer aquele medo repentino: queria dizer queda... e foi o que aconteceu. Tomado pelo pânico ele caiu, pela terceira vez, como uma árvore abatida pelo machado.

Sentiu-se como a mais desgraçada das criaturas, ao precipitar-se por mais outra vez, originando um único baque o encontro estrondoso de seu traseiro com o chão de leite duro. Tinha caído sentado, *de bunda*, como fazem os palhaços no circo.

Não era um palhaço, apesar de já começar a sentir-se como um, e por sorte a única platéia que havia para rir dele era ele mesmo, e ele acabou não achando a menor graça do próprio número. Em meio ao constrangimento, ele teve que admitir que fora uma felicidade que tivesse caído sentado daquele jeito. O sangue que tinha visto antes saía de uma ferida que manchava de leve o pijama em seu joelho direito, sem dúvida originada de uma daquelas pancadas que levava ao cair. O primeiro tombo tinha sido terrível: batera na lateral da cama e depois terminara desabando de barriga, a cabeça quicando de encontro ao piso. Do segundo ele nem conseguia lembrar, sabendo apenas que havia sido tão grave quanto o primeiro, ou mais. E em ambas as vezes a dor fora suprema, as lesões incendiando por todo o corpo. Era bom que tivesse sido um palhaço na terceira vez - os palhaços sabem e *devem* cair sem machucarem-se.

Tinha um rompimento que devia ser horroroso no joelho, debaixo do pijama branco de hospital, que encobria a ferida mas não o sangue, que escorria pela perna. Além disso, tinha um outro rompimento no orgulho. Sua cabeça começava a arder como se fosse uma chaleira transbordante de idéias alucinadas, em franca ebulição, e a primeira coisa que se evaporara parecia ter sido o ânimo. Estranhas ânsias convertiam-se em ácidos e bile no estômago, deixando-o revoltado. A maré cheia do vômito atingiu a garganta, quase a ponto de transbordar em um fétido maremoto. Mas, vomitar o quê? O rapaz podia bem imaginar as horas que passara sem comer. Só se vomitasse o *próprio estômago*, após este dissolver-se em acidez!

Os olhos nublaram-se, molhados, e ele sentiu que o nariz ficava cada vez mais úmido. Sentia-se um verdadeiro farrapo, como um condenado que teve sua execução adiada por alguns momentos, mas cujo desfecho agourento se dará com toda a certeza.

Permaneceu sentado, forçando a concentração, ouvindo a respiração, o ar que ia e voltava rápido demais em seus pulmões... o ar indo e voltando... olhos fechados agora... indo e voltando... mais lento, menos dor... indo e voltando.

As idas e vindas do ar assemelhavam-se ao balanço sombrio de um velho pêndulo. O pêndulo de um relógio que indicava a morte nos ponteiros, a hora da morte... que devia estar ainda longe, ao contrário da hora do sofrimento.

Abriu os olhos deixando escapar um filete daquele líquido que lhes enevoava a visão. Virou a cabeça de forma instintiva, procurando os bolos vermelhos de lençol que tinham lhe servido como falsas e ineficazes botinas. Inverteu-a, procurando também do outro lado.

Não viu nada. Os casulos tinham desaparecido, sumido, *deixado de existir!*

Virou a cabeça de novo, voltando a ofegar! Direita e esquerda! A febre, o calor voltava, e os olhos bailavam, examinando a área com minuciosa atenção, nada encontrando. Tudo estava branco, tudo era leite luminoso e duro. Nem mais as marcas do sangue escorrido do joelho podiam ser vistas naquele piso imaculado que havia atrás de si.

"Deus... o que..."

Torceu o pescoço, procurando aumentar o alcance da visão. Descobriu a seguir que seria muito mais fácil se girasse o corpo sobre suas nádegas, empurrando-se à moda dos remadores solitários em suas canoas, impulsionando os braços e pernas como se fossem remos. Seu traseiro funcionava como um bom apoio, e estando sentado era bem mais fácil de manter-se em equilíbrio.

Ele remou, remou, descrevendo um círculo completo, e nada viu pela sala inteira. Não viu mais a cama, nem os casulos de pano vermelho, e nem mesmo o travesseiro que não via fazia bastante tempo! Não viu *nada* que não fossem as próprias pernas e a brancura generalizada das paredes!

"... está..."

Sentiu a angústia brotando no peito, subindo para congelar a garganta, enquanto a força dos braços e pernas, dos remos que lhe permitiam o movimento naquele oceano de leite congelado, desaparecia lentamente, deixando-o à deriva.

Os olhos ainda tentavam satisfazer a curiosidade, arregalados. Viajavam agora pelo teto a procura de portas secretas, passagens, qualquer coisa que lhe trouxesse alguma explicação para toda aquela série de sumiços, de mágicas inacreditáveis que havia ocorrido enquanto estivera desatento. Seguiam os olhos, como moscas em seus passeios que nunca terminam, indo ora pra cá, ora pra lá, e retornando em dado momento ao ponto de partida, só para poderem partir novamente.

Os olhos, moscas curiosas, alçavam vôo em pânico, subiam e desciam em linha reta até toparem com as divisas mais claros daquele salão vazio, mudando de rumo então nos seus vôos supersônicos. Tinham os olhos daquele jovem o aspecto excitado que só ocorre nos casos mais extremos: estavam prontos para explodir, para serem cuspidos das órbitas de tão arregalados. Infelizmente, tamanha agitação era vã, uma vez que suas pupilas nada viram do que procuravam ver.

'... acontecendo?...'

O rapaz suave frio, vertendo água pelos seus poros como se estes fossem pequenas nascentes que expeliam o medo que apunhalara o seu coração e dizimara sua coragem. E o medo tornava-se uma mistura líquida de sal e graxa suja, que tinha de ser eliminada antes que começasse a corromper não só a pele e a carne, mas também a alma.

Tremia de pavor. Não tinha mais nenhuma noção sobre o que estaria se passando nesta câmara dos horrores em que fora enfiado sem prévia consulta. Nesta câmara das brincadeiras de mau gosto e dos assombros. Não pensava mais em sair dali de dentro nem em punir os culpados por tamanha afronta aos seus nervos, aos seus sentidos. Não conseguia mais nem pensar; os pensamentos já não existiam e sua força se havia convertido em uma agonia física, uma intensa dor que comprimia e abusava de seu peito.

O corpo encolheu-se, vitimado por aquela dor. Até a última de suas células clamava por segurança, e o rapaz feito menino novo esforçava-se em buscá-la por meio dos seus instintos mais antigos e animais de proteção. Os olhos, marejados como praias minúsculas, foram fechados, sendo apertados com tanta força pelas pálpebras, que davam a impressão de que nunca mais seriam reabertos. Os braços enlaçaram os joelhos e o equilíbrio foi esquecido. Tudo foi esquecido.

Ele caiu de lado, empurrado pela angústia, obrigando-se a saborear o gosto amargo de seu desterro, que tornava-se ainda mais intragável quando misturado aos líquidos gástricos que vinham descendo agora pela garganta rumo à boca, na contramão.

Ficou desse jeito. Um corpo velho, morto e apodrecido que queria rejuvenescer mais do que qualquer outra coisa no mundo. Queria voltar a ser feto; queria voltar ao interior do ventre materno, à segurança do útero.

O tempo não parava. Não era importante.

A chuva não parava...

Nada acontecia, nada mais aconteceria ao seu redor. Ele não desejava ver mais nada acontecer. Já tinha visto coisas demais para uma única manhã. Não queria mais ver nada, nem pensar em nada. Queria morrer, mas tinha medo, muito medo da morte, da dor da morte. Queria morrer... sem sofrer.

Não queria ir para o inferno.

Pensou em rezar. Buscar na última hora o perdão para as culpas que não trazia anotadas na memória.

"(?????????), cheia de graça... o Senhor é contigo... entre as mulheres... não..."

Não sabia mais a oração. Não lembrava mais. Era o maior dos hereges. Não sabia nem como fazer para pedir perdão a Deus por todos os seus pecados. Não sabia *por que* deveria pedir perdão...

Barulho de chuva... mais forte.

Mais uma vez, barulho de água escorrendo, gotejando. Sempre tão súbito, tão repentino quanto as chuvinhas passageiras de verão; sempre desviando sua atenção, reformulando seus pensamentos; sempre atraindo-o. O barulho de água vindo de longe parecia organizar sua mente quando esta jazia em confusão, como se a água descesse pela calha, levando as impurezas, as folhas secas e mortas que cobriam e obstruíam o fluxo normal de seu raciocínio.

O que seria essa chuva? Às vezes estava longe, tornando-se inaudível, ou quase. Às vezes aproximava-se, uma nuvem boba sendo soprada de um lado para o outro por um vento brincalhão. O que poderia significar essa chuva? Será que, por trás daquelas placas luminosas que formavam o piso e as paredes, haveria algum outro material, *alguma coisa líquida* de verdade que de vez em quando tivesse de ser acionada, remexida dentro de canos, fazendo esses ruídos?

Não pensava mais na morte nem em Deus. Sua galopante imaginação agora detinha-se nos canos, válvulas e registros hidráulicos que deviam existir aos montes por trás das paredes daquele seu conhecido cubículo fluorescente. Pensava também em canos vazando, quebrados, quando abriu os olhos. Pensava em compartimentos secretos, em ilusionismo de primeira linha.

Se tudo o que havia no quarto não tivesse desaparecido, talvez pudesse arrancar uma ripa do fundo da cama ou alguma peça metálica que estivesse escondida entre as junções das tábuas, por debaixo do colchão. Aquele tipo de cama não devia ter pernas que funcionariam bem como bastões; era o tipo de cama que é sustentada por um retângulo de tábuas de fórmica, uma sendo encaixada ou pregada às outras. Talvez pudesse encontrar, mesmo assim, qualquer coisa que lhe servisse como alavanca, ou como uma clava... isso se tivesse restado algo onde pudesse procurar. Estava disposto a bater nesse chão e nessas paredes brilhantes até esmigalhá-las, como qualquer louco comum faria. Se queriam enlouquecê-lo, que arcassem com as conseqüências.

Piscou os olhos e limpou o rosto, onde o suor se misturava às lágrimas perdidas. "*Homem não chora*", pensou, reprovando em parte a sua própria conduta. Tinha mais o que fazer para que pudesse ficar choramingando inutilmente por aí.

Lembrava que, em certas ocasiões, os tubos de água são dispostos paralelamente aos da rede elétrica, e bem pouco afastados uns dos outros, no chão, debaixo do piso, ou embutidos dentro das paredes, em partes ocas, fáceis de se achar... e de se arreentar. Desconhecia o valor real de tal informação. Poderia não ser nada além de um outro palpite desesperado, todavia... se fosse verdade e a cama ainda estivesse por aí, ah, ele faria um bruto de um escarcéu que o levaria a ser transferido quem sabe para uma outra sala, fazendo seus raptos mostrarem as caras de uma vez por todas!

Por outro lado, não queria passar o resto dos seus dias contido por uma camisa de força, caso estivesse dentro de um hospício, e muito menos levar uma injeção de sedativo devido a um mau comportamento. Estava com medo do que pudesse vir a acontecer caso forjasse um ataque de loucura. Não valia muito a pena ser espancado e amordaçado só para descobrir onde se achava e também o porquê de ter sido posto ali tão pouco a vontade.

Era bobagem pensar que seus detentores responderiam tanto a uma quanto a outra pergunta. Na certa o imobilizariam novamente e o acalmariam, sumindo com sua consciência que já lhe ajudava pouco, com um inseticida de seringa qualquer ou uma boa paulada na cabeça. Já deviam ter feito isso uma vez, se dependesse da hipótese do manicômio como um todo: já tinham lhe tolhido os movimentos com um sedativo, ou com implantes, ou com algo assim. Ele devia ser um louco perigoso, um louco desmemoriado. E louco bom é louco morto, ou muito bem preso.

Graças a Deus por não haver nenhuma cama por perto, graças a Deus... assim ele não tinha como fazer nenhuma besteira com o primeiro pedaço de pau que encontrasse. Mesmo sem que tivesse decorado a Ave-Maria, que lhe parecia composta de palavras tão complexas e de outras várias lacunas, parecia que Deus não se esquecera daquele seu súdito humilde e pouco devotado.

Louco bom é louco lúcido.

Os braços agiram por conta própria, empurrando para longe do chão aquele corpo caído. Estava um pouco confuso... não, *bastante* confuso. Até há pouco estivera "*um pouco confuso*", de forma que agora seria melhor definir sua situação como "*bastante confusa*". Sempre que uma daquelas idéias infalíveis tem de ser descartada em decorrência de um punhado de

poréns extraídos na última hora de suas entrelinhas, o que sobra é o caos, a desorganizada indefinição. Parece ser a hora de voltar à prancheta de projetos.

A indecisão que se obtém em tais casos é análoga à que ocorre na velha fábula dos burros amarrados um ao outro por uma estreita corda que é continuamente forçada por ambos os burros enquanto estes tentam alcançar cada um o monte de feno que está diante de si, sendo que cada monte de feno encontra-se de um lado, com os burros no meio. Todo mundo sabe que os burros só conseguirão o que querem se pararem para pensar e correrem os dois juntos para um único monte de feno de cada vez. Daí sim, os burros se fartarão.

O rapaz conhecia a estorieta dos burros, assim como muitas crianças também deviam conhecer... e de igual forma muitos imbecis. E ele sabia que era isso o que estava precisando fazer: organizar seus burros, controlar a indecisão que os faz seguirem ao mesmo tempo para lados opostos... controlar também o desespero, a corda forte e difícil de ser rompida. Tinha de organizar os burros e pegar o caminho certo, um monte de feno de cada vez.

Era uma comparação um tanto grosseira essa dos burros, mas estava carregada de verdade e de um irrepreensível cunho lógico. E mesmo que ele não pudesse ver nenhum monte de feno por perto, a lógica ordenava que o assento de suas nádegas voltasse a ser empregado.

Ele ajeitou-se para não cair de novo, não sem algum esforço, enquanto esfregava o rosto no ombro de sua camisa branca de pijama, limpando o suor que o emporcalhava. Girou por fim outra vez em seu próprio eixo, procurando reorientar-se dentro daquela câmara de ilusões, onde antes existia uma cama alta com um colchão grosso e travesseiro e lençóis. Girou empurrando-se com braços e pernas, observando a entediante repetição de paredes sinistras com toda a ênfase. Girou e estancou, paralisado!

O que via agora fez com que seus burros esquecessem a fartura dos montes de feno e fugissem a galope, ambos para um mesmo lado que não correspondia a nenhum dos dois montes de feno. Seu peito arfou e assim ficou, cheio de ar, ao passo que o queixo, pesado demais para se segurar, fez a boca entreabrir-se em uma exclamação espantada e muda. E parecia que o queixo caído puxava a pele dos olhos, de tão abertos que ficaram.

Havia uma porta agora naquela parede. Uma estranha e grande porta... Um rasgo ovalado... não... um rasgo *arcaico* na parede.

E no meio da porta, uma cadeira de rodas onde uma *linda e elegante mulher* permanecia sentada em silêncio, observando-o.

A jovem, a princípio espantada, sorria-lhe, insuspeita, e antes que o intrigado rapaz tivesse como cogitar qualquer coisa a seu respeito ela falou, com uma voz tão generosa e abrangente quanto suave...

* * * * *

- Olá! - disse a mulher, tímida, postada em sua cadeira de rodas, debaixo daquele portal que interligava o novo salão a todas as outras dependências do berçário. Encarava com um meio sorriso bastante reticente aquele rapaz

imóvel, vestido com um pijama branco, que jazia sentado no meio daquele novo piso, que de novo mesmo só tinha o tamanho e o formato, os quais, era de se convir pareciam muito com tudo o que já tivera visto por aí.

Vendo que o terceiro personagem de sua nova vida não saía do silêncio, olhando-a como se ela fosse Deus ou algum dos seus milagres, tentou descontraí-la: - Mãe, você precisa inventar uns quartos novos, uns quartos *mais bonitos* - brincou, falando para alguém que não estava na sala, sem desviar os olhos do garoto, enquanto estudava sua passividade assustada. - Não dá pra acreditar que pôde fazer outro de seus grandes caixotes brancos... é tão chato.

A moça sabia que não estava sendo sincera em suas colocações. Tinha visto bem o lugar pelo vídeo, e portanto o conhecia. No fundo, desejava apenas estreitar relações, descontraí-la.

O outro nem piscou. Era uma verdadeira escultura pálida de carne e osso e olhos enormes como duas pérolas daqueles colares de contas das lembranças que não lhe pertenciam. Lembranças de um bando de garotas, uma mais desconhecida do que a outra para ela. E ele não piscava aquelas suas enormes pérolas estampadas de marrom, e não respirava; *não vivia*. E nem aquela *górgona* das lendas, com todas aquelas serpentes a cobrir-lhe a cabeça, poderia ter petrificado melhor alguém.

A madrasta também não opinava, e isso era até esperado em se tratando dela e de suas atitudes estudadas. A mulher na cadeira de rodas sabia bem que ainda era muito cedo para que a Mãe mostrasse seu rosto enrugado e inexpressivo ao rapaz recém chegado; com certeza ele ainda não estava preparado para vê-la. *Ninguém nunca estaria definitivamente pronto para vê-la*.

E o pior de tudo era que ele não movia um músculo, não dava uma chance que fosse para que ela pudesse conhecê-lo, contatá-lo, preveni-lo de tudo o que estava por vir.

Resolveu atraí-lo, mudando o enfoque da conversa, que previa, continuaria não passando de um monólogo especulativo de sua parte. Ele não tinha cara de quem iria responder tão cedo às perguntas que lhe fossem dirigidas.

- Acho que a cama sumiu, não é? - a jovem ajeitou os cotovelos por cima dos apoios que havia sobre cada uma das rodas da cadeira, sentindo que continuavam macios e confortáveis como sempre, com seu couro preto de aspecto plástico que também revestia o assento. Ergueu o pescoço para olhar além do jovem no meio da sala, como se ele fosse um obstáculo muito grande. - A cama, as cobertas, tudo... *tudo sumiu*, não foi?

O garoto, até então imperturbável em sua posição, foi girando devagar a cabeça, dando meia-volta com esta sobre o pescoço. Olhou algo que não existia ao fundo, atrás de si, e voltou muito mais rápido à sua postura inicial, balançando e piscando de leve em seguida, em um quase imperceptível sinal afirmativo.

- Para mim aconteceu a mesma coisa - ela continuou, deixando o seu sorriso mais aberto e autêntico. - Tudo o que havia no meu quarto desapareceu...

E tinha bons motivos para irradiar um pouco mais de alegria. Ele, o dorminhoco, não tinha dito nada, e parecia de verdade que não estava respirando, o que talvez se devesse ao formato delgado de seu corpo que

flutuava dentro dos pijamas largos sem expor as dilatações e contrações de seu peito. Contudo, ele tinha se mexido; olhara para trás e acenara com a cabeça, ou pelo menos piscara, o que era um franco sinal de que a podia ouvir, de que a entendia e sabia responder ao que ela lhe indagasse.

Pensara antes, ainda que remotamente, na hipótese de que aquele jovem pudesse falar em outra língua. A madrasta, que respondia tudo o que lhe fosse pedido, jamais mencionara qualquer detalhe alusivo à nacionalidade do rapaz e até à dela mesma, mesmo porque as particularidades pareciam estar excluídas do seu cardápio de informações, bastante variado por sinal. Também pudera: entre tantas e tantas perguntas que fizera, esquecera-se justo deste importante detalhe, e não era sem motivo que não obtivera nenhuma resposta. Não era do feitio da Mãe comentar nada a respeito do que não lhe fosse perguntado.

Mas agora, aquela era uma das dúvidas que não tinha mais. Entendiam-se; ele falava a mesma língua dela... ou então pensava, apesar de que a mudez era algo sombrio demais para que pudesse ser levado em conta como outra especulação.

Súbito, lembrou-se de algo que distorceu sua amabilidade numa careta de preocupação.

- Você... *pode falar?* - perguntou, olhando-o com toda a ternura que poderia transmitir. Lembrava-se de não ter podido esboçar nenhuma palavra antes do seu primeiro banho na "*máquina renovadora*" da madrasta. Se não havia a chance daquele jovem ser mudo por completo então ao menos a possibilidade dele estar morrendo de dor de garganta, como ela estivera, devia ser considerada e posta a prova.

O rapaz, aderindo à prudência, fez outro sinal de cabeça agora em negação. Estava bem recordado da última vez em que tinha tentado falar algumas palavras a mais. E *como* estava bem recordado - sua goela ainda ardia quando engolia a saliva acumulada na boca, que mais parecia ser um reservatório de ácido escaldante.

É, eu sei - a mulher na cadeira de rodas respondeu-lhe, mudando mais uma vez a expressão que trazia ao rosto. Agora, parecia estar sentindo uma espécie de alegre pessimismo, conformação sem sublevação. - Comigo foi a mesma coisa. Doía tudo na hora de falar...

Ela não quis dizer mais nada. Constrangia-lhe profundamente a cena daquele rapaz indefeso, atirado, sentado ao chão.

O rosto dele foi mais uma vez movimentado. A cabeça inclinou-se para baixo e por ali ficou. Os olhos que não piscavam fixos no chão de leite; os olhos fixos num ponto, vendo tudo o que havia ao redor. Olhos que não piscavam para não perderem nenhum detalhe dos acontecimentos.

Eram quatro olhos que examinavam, enquanto reinava com soberania o silêncio da chuva.

O jovem sentado no meio do salão procurava organizar-se em corpo e em espírito, pois estava metido em coisa bem diferente agora, e as mudanças que levaram a este ponto tinham ocorrido muito rápido. Havia muita coisa por fazer, romper os pavores que o imobilizavam, voltar a ser racional, afinal de contas uma mulher (*lindíssima por sinal*) numa cadeira de rodas e uma porta que parecia ter sido recortada na parede por uma lâmina silenciosa e afiada, tudo isso aparecendo de repente, como mágica, em detrimento de uma cama

inteira e enorme e mais uma tonelada de lençóis misteriosamente desaparecidos... bem, nisso tudo não parecia haver nada de tão grave assim, nada a ponto de enlouquecê-lo. Truques, apenas truques, pensou ele. Nada que justificasse essa paralisia, esse estado de coma mental em que, por segurança, colocara-se a si mesmo. Tinha de pensar, examinar o que se passava, tirar as conclusões mais adequadas e reagir a altura dos desafios que surgissem pela frente.

Não iria ficar louco só por causa de uma série de truques mágicos... *ah, não iria mesmo!*

Arrumou o corpo, ainda observando o piso. Se, numa simples alusão, aquela mulher fosse o norte da bússola, então o ponteiro de seus pés e pernas estava a apontar o... *noroeste*. Era bom que corrigisse seu posicionamento, ficando de frente para a moça, de frente para a *porta*! Os pés e mãos remaram e a proa daquele bote imaginário foi virada uma dúzia de graus para estibordo, indo de encontro ao norte fictício, à provável salvação, ou à desgraça de uma vez por todas, na forma daquela *única porta* escancarada na parede.

Tendo readquirido seu rumo, era melhor desligar as máquinas, levantar os remos e aguardar que aquela nova escuna negro-esmeraldina se dispusesse a enviar-lhe novos sinais. Seu rádio só recebia: ele bem sabia que não tinha como falar sem moer de uma vez com sua garganta esfacelada. Era de todo mais acertado que continuasse sinalizando com acenos de cabeça, eficientes ao que parecia e também seguros. Tinha que ficar de prontidão. Aquela barça, aquela mulher (*lindíssima por sinal*) poderia ser bem aquele inimigo desconhecido e ardiloso, pronto para atraí-lo e capturá-lo, ou eliminá-lo, que tinha imaginado antes.

Não tinha nenhum motivo para abandonar suas suspeitas quanto àquela mulher em sua cadeira de rodas e nem para deixar de ser prudente, recusando suas mensagens que até ali não tinham trazido nada de estranho. Devia permanecer calmo, ancorado, respondendo de cabeça qualquer questionamento que ela fizesse.

Puxou mais para perto as pernas moles, dobrando-as junto com as coxas em dois "V" estreitos e invertidos que se cruzavam. Depois, escorou os braços nos joelhos, pondo-os um sobre o outro, ao passo que as mãos agarravam com firmeza os cotovelos. O olhar assustadiço desviava do chão repetidas vezes durante a execução desta tarefa, percorrendo pernas e braços, analisando suas colocações. Estava em um barco furado, que iria a pique em qualquer manobra mais ousada que fosse feita. Marinheiro de primeira viagem, ele não queria perder o equilíbrio de novo; tudo o que fizera até agora, excetuando os sustos, tinha sido levantar e cair, levantar e cair... Não, não! Já era o suficiente! Estava cansado de ficar caindo como um bêbado. E ainda por cima na frente de uma mulher tão bonita como era aquela, com seu cabelo brilhante e voz grave, açucarada.

"Mas, por que será que ela está nessa cadeira de rodas?"

"Será que os anjos usam cadeiras de rodas para conduzir as almas para o paraíso?"

"... ou seria para o inferno?"

- Sabe... - a voz doce reiniciou, atraindo novamente o olhar do rapaz que já podia ler e entender suas dúvidas na chapa de leite branco e duro.

"Não está mais dando choque... será que só a parede dá choque?"

Era a única que podia falar, aquela mulher (*lindíssima*) sob a porta, e passada a surpresa que sua voz causava, o olhar dele caiu de novo para o piso que transluzia magnífico por baixo das solas dos seus pés.

"Não tem sombras... parece que estou flutuando... meu Deus."

- Existe uma máquina aqui perto que... - a voz graciosa desbravava o silêncio da chuva - bem, ela pode... ajeitar a sua garganta e tudo mais que estiver doendo no seu corpo.

O rapaz percebeu, sem levantar o rosto, um "bzzzzzzz" mais forte, nitidamente irrompido pelo ambiente, assim que a moça concluiu seu comentário. O ruído zumbizante foi ficando mais forte e trouxe consigo a cadeira de rodas motorizada.

A mulher parou bem perto, desligando a cadeira e permitindo que a chuva voltasse, ressentida, a se fazer ouvir.

- E pelo que estou vendo você vai ter que passar por uma revisão completa, - somente ela podia falar. - Parece que você... Deus, olha só o seu cabelo!

O garoto sentiu uma mão passear, retraída e cheia de dedos pela sua cabeça. Pensava no quanto era bom que aquela bela desconhecida tivesse dito "*Deus*" ao invés de "*diabo*". Isso deixava o paraíso mais próximo.

- Meu Deus do Céu... - ela continuava. (outro "*Deus*" e um "*Céu*"; excelente!) - Eu poderia fritar uma dúzia de ovos com toda a gordura que tem por aqui! - Referia-se ao cabelo, é claro.

Pelo menos ela era espirituosa. Fazia comentários bem-humorados com sua voz ditosa e adulta. Ele pensou que poderia dormir ouvindo uma voz suave daquelas. Dormiria apaixonado e teria bons sonhos... mas *não hoje!* Hoje ele examinava, atento às mínimas inflexões de falsidade daquela voz, que por bem dizer não existiam, ou eram muito bem dissimuladas por aquela elegante moça com seu vestido verde em sua cadeira de rodas repleta dos mais dinâmicos detalhes metálicos, que os olhos castanhos e atentos captavam, convertendo imagens em informação e em lembranças numa tentativa de reconstruir a memória que não possuía. Aquela voz era correta demais para que escondesse alguma mentira; era o mais cristalino, o mais adocicado timbre ao que uma garganta feminina poderia chegar. Era a voz mais sedutora.

Entrementes, havia uma porção de outros pontos mais preocupantes a serem considerados, e o centro para onde todos eles convergiam e afunilavam-se era o medo. Ele estava assustado, uma pilha de nervos, e aquela mão não parava de revolver o cabelo na sua cabeça, conferindo em suaves incursões a oleosidade do couro cabeludo. Andava na ponta dos dedos aquela mão um bocado grande para uma mulher tão franzina, tão encolhida de corpo. Ela não devia ter mais de um metro e sessenta, a julgar pelo seu corpo. Era uma baixinha com cara de modelo fotográfico em fim de carreira.

Ele viu a outra mão posicionada rente ao manche da cadeira de rodas. Dedos compridos... pele listrada, um pouco ressecada quem sabe. Dedos muito parecidos com os de suas próprias mãos, pra não dizer idênticos. Diferenciados pelas unhas. As unhas dela eram bem mais compridas e pontudas - unhas *de mulher*, é lógico - e estavam em branco, sem esmalte.

Indiferente às suas rápidas minúcias, a outra mão da mulher continuava com sua suave impertinência. O jovem não desviou a cabeça com um impulso para fugir daquele toque apenas porque o medo mais forte que tudo o subjugava, e o deixara assim, preso na cela de um corpo frágil, estático, como uma verdadeira cobaia do tipo de destino que os outros, os desconhecidos como aquela bela mulher, quisessem determinar. Estava examinando a mais recente sucessão de novidades com todo o receio que... um pássaro sentiria ao ser posto numa gaiola nova (*não entendia nada de pássaros*). Seja lá como for, não iria se mexer do lugar. Não iria conseguir.

Aquela mão poderia ter feito qualquer coisa, poderia ter lhe dado um bom soco na cabeça, mas não. Socos não são reações típicas das mulheres, e em lugar disso a mão preferiu sumir, deixando sua cabeça em paz, reaparecendo no campo de visão logo a seguir. A moça limpava-a em seu vestido verde claro que sobressaía com elegância e requinte diante do amontoado de couro preto e chapas e barras niqueladas. Na verdade nem havia o que limpar, pois ao seu modo de ver tanto a mão quanto o vestido continuavam impecáveis. Talvez aquele gesto tivesse mais a ver com o desagrado sentido pela mulher ao ter tocado o cabelo dele, que devia mesmo estar oleoso e sem vida. Loucos no hospício não devem tomar muito cuidado com seus penteados.

Engraçado, ele pensava, como até as barras, os ferros lustríssimos que estruturavam a cadeira de rodas estavam brancos, parecendo terem sido pintados de alto a baixo nesta cor. Mais engraçado era ver o seu próprio reflexo distorcido, praticamente irreconhecível, sendo repetido com insegurança pelos cromados da cadeira, rompendo o brilho alvo e a suposição da pintura. Também se podia verificar por ali, devidamente distorcidos, a escuridão do couro e o verde faceiro do longo vestido que a jovem usava.

O rapaz alteou o rosto, como se tivesse recebido algum tipo de permissão pela retirada da mão de sua cabeça. Sua cabeça inclinou-se devagar, até alcançar uma altura em que os olhos castanhos pudessem ver a mulher e sua face rosada e clara diretamente. E o que mais podia ser aquela mulher fantástica senão um anjo, pensava ele ao vê-la. Um anjo caído. Um anjo acidentado que repousava numa cadeira de rodas convencional, contundido como poderia acontecer com qualquer mortal mais desatento. Um anjo, como pensara antes... um anjo.

Eram esplêndidos, angélicos, os olhos não muito grandes nem muito pequenos, bastante sonolentos... distraídos sem deixarem de ser atentos. Olhos melancolicamente afastados do nariz de diamante como se fossem escorrer depois de mais algum tempo pelas bochechas retas. Olhos em cujo azul desbotado, amarelado, ondulavam mares inteiros, cercados por recifes vermelhos e acidentados...

"Será que os anjos choram até avermelharem os olhos, ou seus olhos são assim mesmo, ensangüentados e cansados?"... "Talvez os anjos chorem pelos pecados dos homens."

E era esplêndido aquele narizinho tão minguado quanto pontudo, cheio de tracinhos estrategicamente colocados, formando facetas, expondo novos e atraentes detalhes de acordo com a expressão do rosto dela e também pelo ângulo em que este fosse visto. Era incrível como, vista de lado, ela tornava-

se mais séria e mais velha do que quando vista de perfil, onde sobressaía-se uma aparente insegurança, um desejo de agradar a todos em seu sorriso preocupado. E se fosse vista de frente então: virava uma criancinha, uma menininha loura, cheia de pureza e inocência. E olhe que aquele deslumbrado rapaz tinha podido ver tanto, tantos rostos em tão pouco tempo, e isso se devia unicamente àquela característica que certas pessoas têm (e a mulher na cadeira de rodas tinha) de ficarem falando "*para os lados*", com certeza.

Era como se houvesse três pessoas diferentes habitando um mesmo corpo, uma mesma face. A mamãe discreta, a irmã mais velha e tímida, e a caçula bobinha e desconfiada e adorável. Uma família em um só rosto. Uma obra prima de rosto cheio de confiabilidade, como ele pensava deveriam ser os rostos dos anjos, de todos eles, e até de Deus. E enquanto admirava aqueles contornos tríduos, geométricos, ovalados de soslaio, redondos de frente, quadrados de lado, e aquelas sobrancelhas discretas como dois traços finos, e aqueles lábios protuberantes em forma de beijo, como a boca de um coelho... enquanto sentia-se ainda mais entorpecido pela força sedutora daquela face, ele já nem considerava mais as gritantes convicções religiosas que lhe instituíam a masculinidade nua e crua de Deus e de seus mensageiros alados assexuados. Era bem estranho que essa mulher de rosto dependente e hipnótico pudesse ser de fato um anjo. Era... irreal, uma peça que não colava mesmo sendo executada com toda a perícia pelo fraudador mais competente.

"*E onde estão as asinhas?*", como uma criança crédula ele se perguntava, sem desprender a vista do cabelo liso, castanho bem claro, e das orelhas escondidas e sem brincos.

- Nossa... olha só como está o seu rosto! - os lábios grossos desfizeram o formato de beijo, interrompendo o transe de sedução em que o rapaz se perdia bem no momento em que ele descobria os belos dentes arredondados que agora se escondiam de sua vista. A mulher na cadeira de rodas mordida os lábios, engolindo algum temor que logo se fez em susto, deixando enormes e chocados aqueles olhos finos, o que não se refletia na voz doce e cristalina como sempre. - Está cheio de vergões... ai, seu joelho... *Oh, Deus*, você se machucou!

- Sim... - foi o som que subiu espinhando pela garganta, sendo sussurrado pela boca alargada do rapaz encolhido no chão.

Foi a vez dela ficar atenta ao rosto daquele jovem, sem falar mais nada. Ele tinha permanecido de olho nela até há pouco, enquanto ela examinava o estado geral daquele corpo tão debilitado quanto o seu, não raro procurando esconder alguma aversão pelas lesões que via. Agora, o dorminhoco admirava a ferida escondida no próprio joelho, o sangue coagulado manchando o pijama branco, chamada a sua atenção àquele local pelas palavras dela.

A mulher na cadeira de rodas não sabia se era um bom sinal o exame prolongado que ele fizera em seu rosto, coisa que ela só pôde perceber na última hora. O rapaz tinha se aproveitado e muito bem de sua distração, baixando a cabeça para o joelho ferido no último instante. Ela só esperava que ele tivesse apreciado o que tinha visto, o seu rosto, que ela sequer conseguia supor como devia ser. Era uma desconhecida, uma estranha para

si mesma, e o que conhecia era o próprio corpo, que já pudera ver com diversos estilos de roupa e também desnudado muitas vezes. Parecia ser algo terrivelmente estúpido que se ficasse viva só para trocar de roupa com este corpo esbelto e de estatura provavelmente reduzida que possuía; e que se vivesse para andar em círculos, sempre pelos mesmos lugares que *nunca* são os mesmos lugares porque eles sempre mudam e nunca se os viu antes.

Estúpida era ela, com sua carga absurda de preocupações pessoais. Aí estava o seu futuro, conforme as citações insensíveis da madrasta. E o que ela fazia diante de seu futuro? Ficava pensando nas mesmas bobagens que sempre pensava. E o seu futuro, coitado, ficava ali, sentado no chão, sem entender um mínimo que fosse do que se passava. Ele ficava observando, um misto de aturdimento e tristeza, a ferida quase cicatrizada no joelho, depois de ter arregaçado a calça do pijama.

Quem sabe se ele não estivesse querendo se mexer, como ela quisera dias antes, e de um modo semelhante também não pudesse fazê-lo. Se ele não podia andar, era natural que tivesse permanecido desta maneira, prostrado no chão morno, amargando suas incapacidades e seus medos. Ora, ele NÃO podia se mexer! Que tolice a sua de ficar duvidando disso.

Todavia, a situação não se alterava, de modo que ele devia estar com muito medo. Devia estar sentindo medo, dor, fome de explicações...e talvez até sentisse aquela fome que ela não conhecia, *fome de comida*, e *sede*. A madrasta tinha esclarecido, antes mesmo que ela se atrevesse a perguntar, os motivos pelos quais não sentia nem sentiria fome nem sede, enfatizando que esta regra valeria para ambos, tanto para ele quanto para ela, durante o tempo em que ficassem no berçário. Mesmo assim, a jovem ainda encarava aquele garoto saído do deserto do sono como alguém que tem fome e sede acima de tudo; alguém que faria qualquer coisa por algumas gotas d'água seguidas por umas garfadas de comida tenra e farta. Ele parecia mesmo ser alguém saído de um deserto, contudo, querer contrariar as explicações certeiras da mulher velha das paredes era mais uma... infantilidade. Era uma bobagem.

O que o garoto devia ter era medo, e o resto era irrelevante. Seu companheiro para o resto da vida estava encolhido ali era pelo pavor que sentia, e não pelo frio que parecia estar sentindo, ela tinha toda a certeza, e estava certa também de como costumavam sentir-se os recém-saídos dos sono, os recém-chegados à monotonia branca do berçário, isso por experiência própria. Indiferente à aparente diferença etária - que ao seu modo de ver tornava-se irrelevante diante de circunstâncias tão anormais - existente entre os dois, ela tinha portanto a obrigação de confortá-lo, de fazer o que pudesse para que fossem aplacadas todas as dores que ele poderia estar sentindo em silêncio.

O *dorminhoco* (não conseguia parar de chamá-lo assim) era sua última chance, segundo o que a madrasta dissera; era a última chance dele próprio... E era seu único amigo, e seu derradeiro amor...

Amá-lo e dedicar-se a ele... era a sua obrigação.

Não, não, não. Devia esquecer o que a madrasta dizia. Tudo o que sabia era o de sempre: memórias tresloucadas e explicações impassíveis daquela... criatura. Ainda não estava convencida de suas reais intenções.

Não estava convencida nem mesmo do que poderia ser de verdade aquela Mãe pouco atraente. Não estava convencida de nada, mas, pelo menos por enquanto, era melhor fazer de conta que estava. Aquele adolescente com sua cara arregalada de quem não tem mais do que duas décadas de vida, ele era real, e ela devia mostrar-se forte, conquistar sua confiança. Só assim poderia confiar nele por inteiro.

Era para ele ter espinhas, ela pensava; *uma porção de espinhas*, como todos os jovens dessa idade têm. Mas o que via era uma pele cheia de traços vermelhos consecutivos como as marcas de esteira deixadas pela passagem de um trator de lagartas, além de "escamas" pontilhadas pelas bochechas e pelas orelhas vermelhas que pareciam estar em brasa: as marcas resistentes dos lençóis, durante um sono de muitos dias que só permitira o aconchego numa cama de verdade nos últimos dois. Isto, marcas de lençóis, e uma barba e bigode ralos, por fazer.

"*Coisas de homem...*" ela pensou, sem rir.

Nada de máculas, nada de espinhas e demais defeitinhos juvenis. Ela própria deveria estar assim, com uma pele bonita e saudável. A madrasta, com suas dietas aéreas e as "*lavagens*" nas suas máquinas, constantemente executadas, fazia com que a ocorrência de uma simples falha na pele ou no organismo inteiro fosse reduzida a uma ínfima possibilidade estatística, semelhante àquilo que pode acontecer, porque nada é perfeito, mas que não acontece e pronto, porque a madrasta e suas engenhocas são ainda mais perfeitas do que aparentam.

Tinha de esquecer... fazer de conta... obter a confiança dele... poder confiar nele...

- Você tem medo... disso tudo, não tem? - perguntou em um sussurro, chegando de uma vez ao ponto preocupante, o rosto sério, inquieto.

O rapaz mexeu a cabeça, fitando-a nos olhos de novo. Ele tinha olhos medrosos, que escapavam do olhar mais forte dela, pipocando de um lado para o outro nas órbitas. O semblante dava toda a ênfase à dúvida, deixando bem claro que ele não entendera direito a indagação. Não fazia mal; ela sabia ser sobretudo paciente, e repetiria de novo. Repetiria por todas as vezes que fosse necessário.

- As paredes, a cama que sumiu... eu mesma... - seus braços abrangeram todo o grande quarto com um gesto, em seguida vindo repousarem no peito que os controlava. - Você deve estar morrendo de medo de toda essa confusão, não é verdade?

Ele virou a cabeça, procurando rever o cenário para assim fornecer algum subsídio a uma resposta sem voz, contudo as mãos da moça bateram desconsoladas nas coxas, chamando-o de volta para ela e impedindo-o de responder.

- Sim, porque eu estava... morrendo de medo, há alguns dias atrás quando acordei... - ela dizia, encolhendo os ombros, o rosto caído para o lado e os olhos fixos ao chão como radiantes holofotes azulados, dando pouca importância às palavras que soavam desanimadas, entristecidas. Era um problema seu o medo que a tivera vitimado antes, e ela não era muito chegada a passar seus problemas para terceiros nem para primeiros, mesmo que fosse para alertar alguém de que os mesmos problemas poderiam repetir-se para com ele.

Ela tinha que parecer forte, esquecendo os seus problemas, o que era o mais difícil.

Os olhos dele sempre iam e vinham, fugindo ao toparem com os dela, entretanto desta vez eles ficaram, num reflexo de extrema coragem e ousadia, tendo em vista a determinação ferina daqueles olhos azuis.

Ela, por sua vez, notou que a coragem abandonava-a, como se fluísse para aquele par de pérolas castanho-escuras. O rapaz estava agora com uma expressão de quem não entendeu nada desde o início. Uma cara de menino de escola que ouve sem entender as complicadas citações da professora doutorada em faculdades mil. Ela via que se continuasse por este caminho, contando etapas do que tinha lhe acontecido, ele com certeza passaria a considerá-la uma louca varrida, ainda que fosse só em pensamento.

Ela não conseguiria fazer o contato, obter a confiança dele, não deste modo. Tinha que criar um vínculo que fosse o mais estreito, o mais forte possível, com aquele garoto incrédulo. Se não houvesse toda uma confiança mútua entre ambos, se não houvesse uma profunda interdependência... bem, ela já vira a madrastra fazer muitos e bons milagres com suas paredes, e por conseguinte não tinha o menor interesse em vê-la fazer coisas *ruins*. Não podia nem mesmo imaginar as torturas que eram possíveis nesse lugar cheio de vida onde estavam à mercê da velha alienígena. Não significaria nada para aquela tutora em fazer cumprir seus decretos pelo uso da força, e a jovem na cadeira de rodas sabia como seria péssimo se não ocorresse uma ligação estrita e rápida entre ambos... um amor, nem que fosse forçado.

Ele já não olhava mais para ela quando ela deu-se conta. Com certeza que ele cansara-se de batalhar com os seus olhos que nem mesmo o viam, tão imersa estava a mente nas mesmas reflexões abundantes e egoístas de sempre. Ele, o rosto abatido, olhava o chão.

Era um olhar triste. Aquele tipo de olhar de quem recebeu as mais inesperadas novidades, as piores novidades. Um olhar inconformado por saber que está na obrigação de se conformar, de aceitar sem recusas aquilo que ainda nem entendeu direito.

- Ah, esquece - ela balançou a cabeça, deixando uma raiva incontida transparecer no rosto. Uma raiva de si mesma, por ter boca e não saber falar, por ter olhos para o mundo e só saber ver a si mesma. - Você vai saber de tudo depois, de um jeito ou de outro, como aconteceu comigo. Tem uma... pessoa... alguém bem especial aqui dentro que vai lhe contar até o que você nem está querendo saber.

A mulher na cadeira de rodas deu uma risadinha pouco pronunciada, mais próxima de um suspiro, com a aparente confiança renovada de quem consegue se livrar de um fardo muito pesado. Ela olhava para longe, obrigação concluída, o tédio de não ter mais o que fazer.

Todavia, parecia que a última frase devia ter sido dita ainda no começo, pois o que ela mais esperava aconteceu logo após. A mão do moço abandonou o joelho onde dormia profundamente e avançou como um pássaro de cinco asas pelo ar, subindo trêmula até o apoio mais próximo por sobre a roda, onde repousava a mão dela, cansada de tantos gestos. Foi até ali e tocou-a de leve, tímida, sobressaltando a ambos os espectadores. Quis fugir, como as mãos fogem, parecendo ter feito algo de muito errado e

vergonhoso. Mas a outra mão de mulher que veio de longe, dardejante, foi mais rápida, posicionando-se sobre as outras duas, em um carinhoso sanduíche de mãos.

O jovem, muito aturdido, deteve-se nas duas mãos quase idênticas à sua, com suas unhas ovaladas, aspereza aparente e maciez comprovada. Apertavam a sua, aquelas mãos; apertavam forte, para que nenhuma das três tremesse ou hesitasse; apertavam com carinho.

Ao alto havia aquele rosto redondo de frente, aqueles olhos claros, rodeados de vermelho, irradiando felicidade. Apesar dos receios, sentiu-se bem, e retribuiu um cauteloso sorriso àquela mulher mais velha. Ela devia ter uns quarenta se vista de lado, uns vinte de frente e uns trinta de perfil: como a média é trinta, esta passava a ser a mais adequada suposição de sua idade. E como ele podia saber se ela era mais velha *mesmo*? Era estranho que, diante do vazio estarrecido da memória, ele soubesse tratar-se de um adolescente... de um jovem, por assim dizer. Era o que soava como o certo, a verdade, mesmo ser ter lógica nenhuma.

Mas isso não vinha ao caso. Os receios pareciam não ter nenhum fundamento na presença daquela mulher vestida de verde, com as duas alças finas subindo e descendo dos ombros, e o tormento de antes no quarto se reduzia aos traços borrados das lembranças. Não estava diante de um anjo, apesar de ainda ter suas dúvidas. Aquela era apenas uma ilustre desconhecida numa cadeira de rodas, que por algum motivo desejava ser sua amiga, ou apenas conhecê-lo. Também não podia estar num hospício, a não ser que...

De repente, engrenagens que até então pegavam poeira começaram a girar com força naquele cérebro cético de pessoa sem experiência. A alegria que era vista no olhar do garoto foi logo diluída, e a mão, pássaro assustado, escapou com espalhafato dentre as mãos dela.

De uma hora para outra, de um segundo para o outro, tinha voltado ao seu velho e conhecido sanatório. E já não receava em admitir como louca aquela mulher linda, agora assustada. Ela era uma louca deficiente, paraplégica talvez, mas sobretudo uma louca. Se isso fosse verdade (*e era!*), e ela estivesse falando uma porção de absurdos como todos os insanos fazem, ele era normal, e não tinha nada em comum com o que ela dizia!

O que ela dissera... algo sobre uma máquina que cura as dores, que faria desaparecerem os vergões vermelhos que devia mesmo ter no rosto. Isso não existia. Onde já se viu uma máquina com tão amplas capacidades curatórias? Nunca tinha ouvido falar de nada parecido... Tinha ouvida falar de *tão pouca coisa* que não era muito de se estranhar, mas isso era querer fugir do ponto. Não queria saber de máquina nenhuma, e não iria entregar-se aos caprichos mesquinhos de uma louca numa cadeira de rodas, por mais simpática e atraente que fosse.

Mas, e a cama, e tudo o mais que desapareceu? Ela sabia das mágicas, dos truques, e igualmente adivinhara o medo que lhe causavam tantos acontecimentos inacreditáveis. E tinha dito mais... dissera já ter passado por semelhante tortura, isso há alguns dias atrás (quantos? *três* dias? *quatro*? será que ela tinha dito *quantos* dias?), e portanto, há de se convir, devia ter sofrido a mesma angústia que ele.

Juntando as coisas, *"se ela não podia andar que nem eu, é natural que fosse parar numa cadeira dessas."* Mas por tantos dias assim, ou tinham sido apenas uns poucos dias? E quem sabe se um daqueles assentos não o estaria esperando, ao lado de um afável médico psiquiatra - *"a pessoa bem especial que vai lhe contar até o que você nem está querendo saber"* -, tudo preparado, do outro lado daquela porta.

O pânico voltou recheado de ímpetos e fúria motriz, e a face dele contraiu-se segundos após a fuga de sua mão do aperto aconchegante daquelas duas outras. Não era um louco, não podia e não queria ser um louco, e não tinha vontade alguma de viver entre eles. O horror da perspectiva deixou seus olhos inflados como balões, franzindo o sobrolho furiosamente em seguida. As pernas e braços remaram para trás buscando com desespero a fuga, e ele quase caiu. Foi empurrando-se e empurrando-se, e só parou quando suas costas explodiram de encontro à parede, rente ao canto mais distante daquele aposento.

No meio do salão restou aquela mulher pequena em sua cadeira de rodas, o braço meio levantado, a boca entreaberta querendo dizer *"espere"*, querendo dizer *"por favor"*, sem nada dizer, os olhos medrosos limitando-se a seguir o temeroso rapaz em sua fuga desajeitada... limitando-se a seguir o rapaz que teria de ser muito mais do que um simples amigo seu, o mais breve possível, para o bem de ambos.

Ela viu a dificuldade com que ele deslocou-se até aquele canto mais distante da porta, mais distante dela e de tudo, lutando contra as deficiências que ela sabia não durariam muito, se ele assim permitisse. Era como um estranho gafanhoto que não sabe saltar e se obriga a rastejar cambaleante, sem poder contar com a habilidade incomum de suas patas desproporcionais. Um aleijado que se arrasta e se debate... como se tivesse visto o diabo diante de si.

Ela via o diabo, ou algo ainda mais terrível, diante de si agora. Ela própria era o diabo para aquele garoto apavorado. Ele não estava apenas com medo, estava definitivamente desesperado. E o que ela tinha feito para ajudá-lo, para ajudar a si mesma? Nada, nada de certo; tudo fora feito da forma mais errada possível, desde o começo. Sim, ela era o pior demônio; aquele que sente ódio de si mesmo, e acaba lançando-se ao inferno para pagar as toneladas de culpas que vem acumulando pelos séculos e séculos. Ela era sofrimento para ele, para qualquer um que cruzasse o seu infeliz caminho. Era uma amaldiçoada, um amuleto vivo de má sorte.

E o mais terrível é que sequer podia imaginar o que era certo, para poder fazer então o que era certo. Era uma tola...

O rosto antes luminoso descia rodeado por uma nuvem de desconsolo e tristeza. Uma mecha brilhante de cabelo cor de cobre encobriu metade da dolorosa aflição que os olhos baixos irradiavam. Aquele garoto, adolescente sem experiência nem confiança, ele nunca confiaria nela, e era muita estupidez a sua querer fazer amizade com ele.

Lembrava-se do ódio cego que recrudescera o rosto jovem, tornando-o adulto, bizarro e vingativo, quando ela e a madrasta o tinham observado pelo monitor; o ódio insano daqueles olhos marrons no que encaravam, uma a uma, aquelas paredes brancas que ainda o rodeavam, menosprezando-as furiosamente como se não passassem de assassinos e bastardos da pior

estirpe, gente ruim que não merece perdão, assim como ela não merecia perdão.

Aquele jovem tinha todo o direito de odiá-la. Era a única, a primeira e a única pessoa de verdade que iria ver durante toda essa nova fase, durante toda essa nova vida, e ele tinha muita razão em transferir todas as culpas e responsabilidades pelo estado em que se encontrava para ela, que talvez tivesse feito o mesmo em seu lugar. Por sorte tivera visto primeiro a Mãe, que aclarou rápido as suas dúvidas, deixando muitas outras em seus lugares. Tivera sorte sem merecer, pois não sabia o que devia ser feito.

A mão pedinte baixou logo depois, e de longe o rapaz temeroso assistia ao fim daquele adeus. Atento como estava ao menor movimento até das paredes à sua volta, não deixou de perceber a leve fungadela e o posterior suspiro. Não viu nenhuma gota pingar daqueles olhos submarinos. Estava muito longe para isso. Ouviu somente o soluço, e a chuva caindo a quilômetros de distância.

Ela estava chorando. Devia ser o tipo de mulher que não faz quase nenhum barulho quando chora, limitando-se ao murmúrio silencioso, se tanto, que impressiona muito mais que os berros e o espalhafato. O silêncio, e mais nada, sinalizando o pranto de uma melancolia retraída, escondida. Mas por que aquela... louca estaria chorando? O que ela pretendia com isso?

Ficaram petrificados nestas posições por algum tempo os dois personagens, tais como peças condenadas de um jogo que parecia terminado. O rapaz com seus olhos fixos de avelãs, entre admirados e espantados, aguardando uma reação qualquer daquela mulher cuja mágoa o cabelo obscurecia. Ela, observando a placidez do piso... deixando de observar a placidez do piso para ver além deste, com seus olhos fechados de mar azul e vazante, noturnos, sem esperança.

O único sinal de que o tempo passava, além das respirações ofegantes, vagarosas, dos personagens, era aquela chuva fina de sempre, a que os ouvidos já nem tencionavam escutar, de tão monótona.

Algo brilhava no piso, próximo da cadeira de rodas, debaixo de um rosto feminino outrora brilhante. Marcas verdes, vermelhas... e azuladas. Uma única marca. Apenas um dos dois pôde vê-la.

Com a leveza das plumas ao cair, mas em sentido inverso, uma mão de unhas ovaladas subiu devagar até o rosto da mulher, que voltou a arrumar o corpo que tinha esparramado em profunda amargura pela cadeira. Tinha de limpar aquelas lágrimas fortes, como ela própria já julgara-se forte antes; lágrimas que não caíam nem escorriam pelos lados do nariz. Tarefa feita, a mão aproveitou para empurrar o cabelo para longe, descendo depois amparada pelo braço, indo repousar novamente no encosto da cadeira.

Mais silêncio... respiração... chuva.

"Por que tudo isso, meu Deus..."

"Será que ela é louca mesmo?"

"... o que fiz de errado para merecer tanto castigo?..."

"E quem será que é essa pessoa especial que pode me ajudar com sua máquina?"

"Ele não vai me atender nunca, não vai entender o que estou querendo contar-lhe... não vai aceitar quando souber do que se trata... acho que eu não aceitaria..."

"E se eu fosse junto com ela..."

"... E ele não tem culpa de nada... ninguém tem culpa de nada."

"... Quem sabe ela não me faça mal algum... Quem sabe ela possa conseguir para mim uma outra cadeira de rodas..."

"Não vai dar certo... nem sei por que tentei me aproximar dele desse jeito."

"... Quem sabe possamos ser amigos... Talvez ela até possa me ajudar a sair daqui..."

"Estamos perdidos..."

Não havia mais nenhuma marca no chão, junto à cadeira de rodas, bem debaixo do rosto da mulher. Nenhuma marca, nem vermelha, nem verde, nem azul.

A mulher de cabeça baixa remoía suas dores, o corpo de algodão outra vez esparramado pelo assento, soprado pelo vento da descrença. O que fizera desde que tinha acordado? Sofrer em silêncio, isso é o que tinha feito... sofrer em silêncio. De que adiantavam as viagens pelo berçário e as conversas com a madrastra, que nem gente era. De que adiantava viver para sempre, como a velha tinha dito que aconteceria, se essa vida eterna não passava de eterna agonia. Nem aquele pesadelo dos bonecos estupradores, com suas grandes cabeças-ocas e casinhas de cogumelo tinha sido tão terrível quanto essa porcaria de imortalidade isolada, cheia de direitos insatisfatórios e de obrigações impossíveis de se cumprir. E haveria penalidades, a velha também mencionara; *penalidades terríveis*, que sequer precisavam ser especificadas, no caso de suas determinações não serem seguidas à risca.

De que adiantava saber disto. Não tinha a menor noção do que poderiam ser estes castigos, apesar de já recear sua aproximação.

Iria sofrer pelo resto de sua vida sem fim, porque as penas seriam tão terríveis quanto a madrastra lhe fizera entender. Sofreria para sempre... os dois sofreriam para sempre.

A mulher na cadeira de rodas, prostrada, sentia-se como se fosse um preso que vai para a cadeira elétrica, sem ter coragem para contar às autoridades que seu melhor amigo, que seu único amigo é o real culpado das acusações que por um engano lhe tinham sido direcionadas. E seu único amigo estava ali, atirado num canto, morrendo de medo de que ela abrisse a boca... porque ela sabia que ele também não tinha nenhuma culpa... tinha apenas se defendido de um agressor que se convertera em vítima, devido à crueldade com a qual o destino se veste.

"Deus...", ela rogava, "onde está o Senhor que permitiu que minha alma fosse sugada para este suplício?... Por que deixou que isso acontecesse justo comigo... justo conosco..."

Um susto, e o rosto tristonho da mulher elevou-se, assim que sentiu algo tocando sua mão. Desta vez foi ela que se retraiu, encolhendo-se toda. Imersa em dúvidas, não tinha ouvido o garoto se aproximando, retornando com cuidado até o seu antigo posto junto a ela, no centro do salão.

Agora, inquieta, podia vê-lo de novo. Se antes ele trouxera pura desconfiança e receio marcados em sua face arredondada de adolescente, isso já não se notava. Exibia um olhar bem mais sensato agora, o dorminhoco; um olhar bem mais compassivo, se bem que ainda restasse algum temor. Seus olhos, agora, eram olhos de quem cansa de guerras e de ódios; olhos de uma pessoa, de um soldado que vem direto ao posto inimigo empunhando a bandeira branca da paz, justamente por não saber o motivo de tantas batalhas.

Confiava nesses olhos escuros, assim como ele confiava nos olhos claros, belos e sinceros. Logo, novos sorrisos um pouco reticentes foram revelados, ficando aos poucos mais alegres e sinceros. Ela sorria largo sorriso, cheio de dentes, deixando escapulirem faíscas de satisfação, como alguém que reencontra algo muito precioso, sem o que não poderia mais viver. Ele dobrava o comprimento de sua boca trêmula, fazendo um verdadeiro arco sem dentes, possível somente para aquelas pessoas que têm boca de sobra para dar e vender.

Uma pilha de mãos formou-se sem nenhuma cerimônia, enquanto a mulher renovava sua carga de lágrimas, movidas agora pela alegria que as fazia rolares fazendo corredeiras pelas bochechas rosadas de rubor.

O rapaz sabia muito pouco, e julgou apressado que tamanha felicidade só podia ser um reflexo da loucura. Porém, não vinha ao caso. Valeria a pena, se no fim das contas obtivesse uma cadeira de rodas e explicações convincentes de um lúcido qualquer que estivesse de plantão. Depois lutaria pelo reconhecimento de seus direitos como cidadão que era de mente sã e confiável.

Ninguém reparou na umidade abundante que se transferia em forma de suor das mãos dele para as dela, e vice-versa. Também nem poderiam. Enquanto ele estremecia pelo toque quente e procurava concentrar-se no lucro que lhe proporcionaria esta nova atitude, ela era a felicidade em pessoa, e sabia que, depois de tanto tempo enclausurada em sua cadeira de rodas, depois de tanto tempo vagando por aí neste casarão branco e fechado, cheio de vida por todos os cantos, criando dúvidas e temores junto ao mofo em sua mente... depois de todo esse tempo, ela finalmente obtinha um motivo real para libertar-se de suas mágoas e tormentos, abraçando com força a alegria e a felicidade.

"Talvez nem tudo esteja perdido..."

* * * * *

"Deus do Céu..."

Isso era o pouco que o *ex-dorminhoco* podia pensar, enquanto via serem esclarecidas, uma a uma, todas as suas dúvidas, ou nem todas, a bem da verdade. Mais correto seria dizer que boa parte daqueles questionamentos que afrontavam sua lucidez tinham simplesmente deixado de existir com o advento destas cenas extraordinárias que agora presenciava. Era como se, por causa de um novo fato que se observa, uma porção de indagações não tenha mais valor, porque este novo conhecimento as extingue e as suas respostas; e graças a esse novo conhecimento se percebe que o que se imaginava antes estava errado. Pensar que se está em um sanatório, achar que se foi sedado e que se está cercado por loucos, e até perguntar o porquê de se estar dentro de um sanatório, tudo isso perde a razão de ser... quando *não se está dentro de um sanatório!*

E o restante das dúvidas, tão pouco que era, tornava-se presunçoso e insignificante se em comparação às novidades, constituindo algo semelhante à burguesia pobre e maníaca de uma cidade grande, fazendo de conta que são parte da classe rica e que o luxo que mantêm e a grandeza aparente que ostentam são de fundamental importância para a sociedade, enquanto esperam para pagar suas contas minguadas de luz e água nas filas lotadas dos bancos mais populares e regateiam por desconto nos seus pontos preferenciais de compra, de preferência os mais baratos e sigilosos das zonas residenciais. Assim era o que sobrava de suas dúvidas: gente desinteressante, gente de pouco valor que teima em aparecer.

Mas desapareciam por completo perante o espetáculo magnífico que ele podia agora presenciar. E atendo-se às semelhanças, as dúvidas burguesas tinham mais é que aplaudir, obrigadas que estavam a admitir o fracasso de suas existências medíocres perante a verdadeira riqueza cuja pompa apresentava-se para o seu mundo agora.

Assim estavam as dúvidas daquele rapaz: umas tinham partido ao verem seus negócios falirem diante de um megaempreendimento que as ofuscava, oferecendo qualidade e quantidade por menos, muito menos do que você já viu! *Venha para cá!* Cobrimos qualquer oferta da concorrência, e oferecemos mais *10% de desconto!* Ao passo que outras dúvidas apenas admiravam a nova maravilha, relegadas que estavam à própria insignificância. Até aplaudiam, ou criticavam para ninguém ouvir, aguardando a poeira assentar para poderem retornar com tudo à fama e às bagatelas. *"Não tenha medo das caras que são vistas nas colunas sociais: esses são tão ou menos importantes do que eu ou você. Procure aqueles que não querem aparecer nas colunas sociais, não os que não podem..."*

Mas, esqueçamos um pouco a grande eloquência (ou o grande orgulho) deste vosso humilde servo, e passemos ao evento... Oh, e que evento via aquele rapaz, aquela cidade psíquica onde as informações tornam-se criaturas vivas a meu bel-prazer, que evento eles viam! Era uma imagem sublime demais, que paralisava a efêmera sociedade mental do rapaz, e o deixava boquiaberto... imóvel...

- Eu também fiquei assim - disse uma voz conhecida. - Completamente pasma.

... tirando o destaque até dos pensamentos mais importantes. O garoto simplesmente não conseguia pensar nada em tal instante. É um daqueles momentos em que a mente se concentra toda na contemplação, e os olhos

tornam-se o centro de todos os focos, a visão se desenrolando com a imponência dos acontecimentos ao vivo, em primeira mão, por todos os canais cerebrais. Se vive a cena que estamos assistindo; se é esta cena.

Ele via aquele *rosto* na parede. Via sem parar, sem piscar nem torcer a vista para os lados, uma câmara de absoluta precisão com seu foco devidamente ajustado, captando com nitidez o extraordinário: um rosto impassível, vivo, de mulher, sóbrio e dono de um calculismo só comparável à idade avançadíssima que aparentava ter. Um incrível *rosto de mulher velha*, de avó, tão branco quanto aquelas paredes, porém bem menos luminoso; uma escultura viva e falante, de causar inveja a qualquer gênio artístico, fosse no campo da bidimensional e movimentada computação gráfica, fosse na tradicional e solitária arte do martelo e da cunha.

E o estupefato rapaz não tirava os olhos da inemotiva madame, e não fechava a boca, e não piscava, e não respirava!

"Olha só o marmanjo... parece que nunca viu nada nessa vida", a mulher gracejava em silêncio, vendendo contentamento, esquecendo-se de como tivera reagido de um modo idêntico, três dias atrás, quando despertara e dera de cara com aquele rosto cravado na parede. *"Olha só: chega até a babar de tão abobalhado..."*

Rememorava o que tinha ocorrido antes, apenas para preencher o vazio. Era normal que o rapaz não fosse *"acordar"* tão cedo. Estava hipnotizado, talvez pensando mil e uma besteiras sobre o que podia ser, pelo amor de Deus, aquele rosto, como ela tinha feito. Ou estaria sem pensar ainda. Dizem que quando se pensa naquilo que se observa, não se está de fato pensando... pelo menos é o que falam, o que falavam, muito tempo atrás, por aí.

Tinha amparado o rapaz na hora de atravessar a porta. Ele iria demorar-se demais, arrastando-se como lesma, e como o chão fosse bastante traiçoeiro, e não fosse possível sequer imaginar o tipo de ambiente que as paredes vivas reservavam para os dois além da próxima curva no caminho, ela o guiara, fazendo com que ele se agarrasse nos ferros de sua cadeira de rodas, dando a partida e puxando-o aos solavancos para fora da sala, atravessando a porta arcaica e enveredando pelo interior de um outro compartimento que era bem diferente dos corredores estreitos e recurvados que tinha atravessado para poder chegar até o salão. Ainda não se habituara às súbitas mudanças de cenário, e assustara-se também ela, sem poder reprimir um grito breve ao ver o novo quarto, pequeno e bem retangular, com menos da metade do tamanho do quarto gigantesco que tinha servido de acomodação para o dorminhoco. Mas o efeito desorientador logo se dissipava. Estava mais habituada a enfrentar os sucessivos sustos que levava do que propriamente as causas destes sustos.

A Mãe já havia aparecido, já estava em seu posto quando os dois leprosos entraram. *"Já mostrara sua cara"*, assumindo o dito popular, uma vez que era justamente o que acontecia. A velha senhora sempre mostrava apenas a parte frontal de um rosto enrugado, escolhido com rigor entre as mais variadas expressões faciais femininas humanas, de modo a demonstrar benevolência aos dois humanos de verdade que estavam em seu poder, dentro de seus domínios. Era aquela cara típica de avozinha querida, queixo de bolota, nariz de bolota, mais uma bolota em cada bochecha de pele

escassa do tipo que já segue faz tempo os caminhos funestos do maxilar, dos ossos faciais, do tempo e da velhice. E tinha olheiras profundas a dona das paredes; olheiras disfarçadas de branco, cercada de rugas de expressão das mais enfáticas. Um rosto de mulher septagenária; um rosto de mulher que não parece mais saber como sorrir, mesmo com os dentes impecáveis e brancos como tudo. Um rosto que não pode mais sorrir por já ter assimilado aquele degradante aspecto de um perpétuo sorriso, com a boca comprida e os traços marcados, comum aos velhos. Um rosto triste de alguém que deixou a vida passar, e não tem mais nada a fazer a não ser se conformar.

Era um rosto carinhoso, acima de tudo, como devia ser. Segundo a opinião da própria dona, a aparência fora escolhida com todo o cuidado, pois seria mais simples a sua tarefa se pudesse manter contínuo contato com seus filhos, ela e ele, obtendo a confiança e o respeito de ambos. Por isso o rosto carinhoso, maternal. Contudo, apesar das boas intenções, o estrépito proporcionado a qualquer criatura humana em seu juízo perfeito que se obriga a encarar, frente a frente, um rosto pendurado, colado numa parede, com seus traços unidos a ela como se dali se originasse porque de fato dali se *originavam!*... e mais, um rosto vivo, que se mexe, que fala... o estrépito era o mesmo para qualquer criatura humana que pudesse ver diante de seu próprio nariz tal maravilha... ou tal terror.

A Mãe não era só a dona do lugar e das paredes: *ela era as próprias paredes*; era o próprio lugar. E descobrir essa realidade, mesmo que remotamente, já é um grande choque para qualquer um. Isso sem contar que o rapaz ainda não devia estar inteirado deste fato - o que o impressionava era o rosto por si só, inacreditavelmente móvel, vivo, afixado na parede.

Depois de tantos e tão rápidos pensamentos, a mulher na cadeira de rodas volveu o olhar para o rapaz estático. Uma gota de saliva não encontrava volume suficiente para pingar de uma vez, e ficava balançando em um sobe-e-desce aversivo, um pouco cômico, em seu queixo. A boca continuava aberta. Os olhos continuavam sem piscar. E ela começava a lhe dar uma parcela de razão: não é todo dia que se pode ver a oitava maravilha de uma natureza extinta.

Não é todo dia que se pode ver um fantasma espionando através de uma parede.

A mulher paralítica olhava compreensiva e pacientemente para aquele que seria parte importante de sua vida dentro em pouco. Mas a paciência é conhecida por ter seu limite, mesmo em casos extremos.

- Ei! - ela desceu a mão do apoio do assento e chacoalhou o ombro do garoto estarecido, ainda agarrado às bases de sua máquina. - Ai, meu Deus, como será que eu chamo você?... Senhor? Ei senhor, acorde que já é de manhã!

Assustadiço, ele virou o rosto para ela, encolhendo os braços tão rápido que a fez reprimir um gritinho e puxar de volta também o seu braço, que fugiu de cima daquele ombro e foi repousar agitado no peito de mulher, que arfou por algumas vezes.

A mulher relaxou em seguida, gesticulando com indignação, enquanto dava um terço de volta com sua cadeira de rodas para a esquerda para poder ver aquela apavorada criatura de frente.

- Ah, droga... pensei que você fosse me arrancar um pedaço - disse, simulando indignação.

Mas nem tudo parecia estar tão bem com o garoto ainda emudecido no chão. Retomando parte de sua consciência, tratou de empurrar-se como tinha feito antes dentro do grande quarto para fugir da moça, desta vez querendo distância de algo bem mais sério.

E de que adiantava as dúvidas que tinha serem desfeitas ou esquecidas, se ele já não mais ouvia. Soube instantaneamente da verdade. Sabia o que era aquilo, aquele rosto que falava e se mexia. Aquele rosto que o tinha cumprimentado. Aquilo era o mal, era *a morte, a loucura*, e todas as outras coisas que ele não queria conhecer! Estava numa câmara de loucuras, no inferno, no império da insanidade, não importava onde! Não iria ficar por ali, nem que tivesse de pagar por todos os pecados da humanidade inteira! Fugiria... não sabia como, mas fugiria...

- Ei, calma... - a mulher na cadeira de rodas, vendo que o pobre moço já começava a se afastar de novo, como tinha acontecido no salão anterior, estendeu a mão, - ela não vai machucá-lo - que foi recebida com um tabefe pelo jovem exaltado que, segundos depois, já tentava atravessar a parede, indo de costas contra esta.

... e não adiantava aquela mulher maluca querer vir se intrometer! Não era só ela que estava ficando louca, que *era* louca! O lugar inteiro era louco; era tudo loucura, demência, insanidade! A cama não havia desaparecido, os cobertores não haviam desaparecido, o quarto que não tinha na memória não havia desaparecido. Era tudo uma alucinação só! Alguém estava a fim de arrebentar com seus miolos... queriam destruí-lo, roubar sua mente e sua vontade... queriam enlouquecê-lo... queriam...

O golpe foi rápido, e ele não pôde sequer reagir. Percebeu apenas algo formigar em suas costas. Em seguida, uma coisa que não teve como identificar o envolveu, branca e luminosa, como as paredes, como o rosto fantasmagórico. Era como um manto plástico, lustro, envolvendo-o, *entrando dentro de sua boca*, atravessando a garganta e preenchendo o estômago vazio.

Restava ao garoto pensar na morte, enquanto o abraço plástico o enrolava e apertava cada vez mais forte, dando voltas e mais voltas. Pensou na morte ao ouvir aquele silvo estridente, distante grito de mulher. Pensou na morte quando as luzes foram apagadas, rapidamente graduadas do branco quente do dia para o frio negro da noite. Pensou na morte...

E só parou de pensar na morte quando perdeu de uma vez toda a consciência... quando morreu.

* * * * *

A mulher na cadeira de rodas gritou nesse dramático instante. Gritou com todas as forças dos pulmões, querendo estourar de vez com as cordas vocais. Gritou para exprimir seu espanto. Gritou também de desesperança. Mas, sobretudo, gritou sentindo um ódio brutal e bestial, um imperativo desejo de vingança; de vingança contra a Mãe.

Os poucos pensamentos que tinham rondado pela sua cabeça durante o evento mais macabro que já tinha presenciado estavam todos como que aglomerados, parecendo que cada enfoque seguia um caminho diferente sem notar que todos os caminhos conduziam ao mesmo ponto, à mesma encruzilhada, à colisão certa.

Aglomeravam-se os pensamentos, ovelhas bobas, empurradas pelos pastores agressivos todas para o mesmo curral, para uma mesma pergunta. O "por quê?" retinia e tilintava, e pipocava como espoleta pela sua cabeça, célebre tanto quanto uma pergunta que valesse por mil outras, e igualmente exigente quanto às respostas.

E o que podia fazer essa mulher sofrida, que vinha tentando colocar as poucas idéias que tinha em ordem e que nos últimos... nos *primeiros* dias vinha fazendo o que lhe era possível para se adaptar a uma situação tão diferente, tão fora do comum... o que poderia ter feito ao ver aquele jovem enfraquecido, esperança enfraquecida a fortalecer os seus anseios de nova vida e liberdade, sendo tragado por um tentáculo branco de matéria luminosa, uma bactéria humana indefesa prestes a sucumbir nas garras pseudopódicas do gigantesco leucócito maligno ao qual convencionara chamar de madrastra e, pela voz, de Mãe.

O que poderia fazer a mulher sofrida ao ver a única outra criatura de sua espécie sucumbindo nestas garras brilhantes... o que poderia ter feito num instante destes, de terror supremo, que não fosse descarregar todo o seu baú repleto de emoções negativas, deixando toda a raiva que fervia dentro de seu ser extravasar-se em um só e possante grito. O que poderia ter feito além disso?

Um grito, e apenas um grito, saiu rebatendo pelas paredes da mulher velha, perversa, infame, deixando sua agudez espalhar-se por todo o interior do grande glóbulo branco. Um grito que interrompeu a serenata intermitente da chuva de sempre, deixando seu respingar emudecido na insignificância. Um grito, apenas um grito.

- Calma, não precisa ficar tão abalada, e não adianta agredir minhas estruturas - disse aquela voz rouca, suave e inexpressiva. - Esqueceu que eu posso desconsiderar a dor? - aquela voz de avó culta e sofisticada, grã-fina, vinda do rosto marmóreo na parede.

E não adiantava nada mesmo, porque a jovem mulher na cadeira de rodas já tinha perdido as estribeiras, e partia para a ignorância, socando com fúria aquele invólucro negro e acrílico em que se tornara o tentáculo demoníaco que engolira o jovem aleijado, deixando de fora só as duas pernas e pés como reminiscências nauseantes da importantíssima vida humana que minutos atrás ali, naquelas imediações, procurara refugiar-se, caindo em uma cruel armadilha.

- Não, não, nããããã! - ela berrava, bem mais baixo agora, sem ter garganta suficiente para alimentar uma carga vocal tão poderosa quanto tinha sido a anterior. Tendo chegado bem perto do grande balão negro, lutava contra a inanição das pernas e contra todos os conhecimentos que adquirira sobre as paredes, chutando sua base, ou mais corretamente, esfregando os pés descalços e esfolando-os ali. Arfava e mostrava os dentes, crispados em um sorriso colérico, e na falta de obediência dos pés,

tentava arranhar a gelatina duríssima com as mãos. Sem voz, rosnava de tão enfurecida.

- E pelo visto você também esqueceu de que as minhas invenções podem aparecer em qualquer lugar daqui de dentro - disse a voz da velha, sem expor o mais leve constrangimento em suas palavras de passo marcado. - Vocês, gente moça, esquecem das coisas muito rapidamente ao que parece.

A voz da madrastra, estável, sem inflexões, soava quase como um discurso entediante sobre as mais inexploradas entranhas da matemática dada por um daqueles professores sonâmbulos que falam dormindo para uma classe de quarenta penitentes aprendizes, coisa que a moça lembrava muito bem.

Para aquela mulher deficiente, ficar escutando os discursos e mesmo os comentários maniqueístas de certo ou errado, coisa pouca, ditos pela velha desgraçada eram o melhor caminho para o sono. Nada estranho, portanto, que em três dias de aprendizado, termos complicados e repetições e ênfases, fossem logo esquecidos. Nada estranho também o que ela sentia ao ouvir a voz da velha agora. Nada estranho no nojo, no ódio que queimava e reduzia ainda mais as suas limitadas provisões intelectuais.

Tinham sido praticamente três dias de palavrório cansativo da Mãe entrando por uma das orelhas da moça e saindo pela outra, com pouca ou nenhuma alteração de conteúdo. Ela absorvia o que fosse mais notável ou mais apetitoso e fácil de ser consumido, e era claro que tinha esquecido que as máquinas vivas da velha apareciam em qualquer lugar e que as paredes não estavam sujeitas à dor. Mas ela esquecera-se destes detalhes por puro desleixo emocional, tão empolgada, tão abalada que ficara devido ao recente nascimento do rapaz. No meio de tamanha agitação, quem é que conseguiria sair-se melhor, lembrando-se de uma porção de ensinamentos petulantes?

Quando vemos o arco-íris, lembramos do arco-íris, e esquecemos o arco-íris. Quando vemos o arco-íris, vemos o arco-íris... e mais nada.

Só que a mulher na cadeira de rodas pensava, refletia, como todos os humanos refletiam. *Lembra dos humanos? Aqueles que tinham uns cérebros bem maiores do que os das formigas?* Pois é, eles refletiam, e ela, depois de esperar até cansar com os nervos à flor da pele, ela também refletiu.

E por incrível que pudesse parecer, só agora, já suada de novo, e de novo nervosa, só agora que aquela impetuosa dama conseguia ouvir o que a "malvada" madrastra lhe dissera muitos minutos atrás. "... você esqueceu que as minhas invenções podem aparecer em qualquer lugar aqui dentro..."

- O-o quê? - perguntou, apoiando a cabeça nos braços, procurando assimilar e aceitar uma concepção que lhe soava estranha, ao mesmo tempo. - O que você... quer dizer com isso... - apontou o invólucro ebâneo que envolvia o rapaz com o olhar, sem saber o que dizer.

- Isso é minha "*máquina de recauchutar*", - um leve destaque nas últimas palavras, só pra justificar o uso das aspas - aderindo à sua gíria. E ela pode aparecer em qualquer lugar, já esqueceu disso? Se não me engano, disse-lhe isso no primeiro dia. E olhe que eu nunca me engano.

Era verdade. A Mãe nunca se enganava, e suas máquinas podiam aparecer aonde se fizessem necessárias, como se fossem automáticas ou de controle remoto, ou portáteis, como se possa querer.

"*Como pude esquecer?*", a mulher pensava, esfregando uma mão na cabeça como se não apreciasse os próprios cabelos. tentava se acalmar. "*Como pude ser tão tola?*"

A mão que arrancava os cabelos cobreados desceu para cobrir o rosto frágil e belo. Os olhos fechados daquela bela mulher viam todo o negrume da vergonha que seu coração sentia. Tinha cometido outro erro, e se perguntava se porventura teria acertado alguma vez em algum de seus pouco variados procedimentos, desde que nascera de novo.

Essa bolha de vidro negro, à feição de uma banheira invertida tanto na cor de sua cerâmica quanto no seu posicionamento mais funcional, isso era a chamada "*máquina de recauchutar*". Fora ela mesma a autora do apelido, que era bem compatível com os efeitos, com a porção de benefícios que tal estrutura proporcionava ao organismo humano. E isto não era mais teoria, e não devia ter sido esquecido.

Tinha acontecido muitas vezes, umas dez mais ou menos, revisando os três dias passados. Hoje, ela ainda não tinha experimentado o aperto tranqüilizante da bolha preta, e como poderia, se passara umas boas cinco horas com o olho pregado em uma tela larga e comprida, vendo o rapaz, o dorminhoco dormir, acordar, e acordado debater-se em uma briga formidável contra as cobertas que o enrolavam. Debater-se? Que nada! Ser sufocado por elas era uma definição mais realista.

Sentira na hora uma bruta vontade de rir, porque era engraçado ver alguém dar um golpe de judô no próprio travesseiro e fazê-lo cair no chão como se fosse um oponente de cem quilos. Sentiu compaixão porque achava cruel demais ficar rindo da desgraça dos outros. E agora sentia vontade de rir de novo, por saber que o garoto debilitado inegavelmente estaria sentindo-se bem melhor, anestesiado como o doente que era, dentro da invulnerável bolha de sabão. E sentia ainda mais vontade de rir... por ser uma completa idiota, por não saber o que estava fazendo.

E tivera coragem de reclamar por "*ele ser tão mais novo*", ao que, por sorte a madrasta dissera: "*três dias mais novo... sem comentar que você foi prematura*". E ela acabou ficando bem quietinha, olhando o bebezão nascer, enrolado em fraldas vermelhas de dois metros por um e meio.

Acabou sustendo o riso com a mesma mão que havia impedido que a sua vergonha se tornasse pública. Só não pôde evitar aquelas lágrimas fugidias que sempre caíam na ocasião mais errada.

Não era difícil que aquela moça risse e chorasse ao mesmo tempo. Já tinha acontecido antes... também já tinha acontecido antes. O difícil era que ela aturasse tal coisa, que considerava o cúmulo. Era uma bela droga chorar de verdade e não deixar cair uma só lágrima, se logo em seguida ria feito uma boba, deixando uma verdadeira cachoeira salgada tomar conta do seu relevo facial, tornando o seu rosto na mais densa bacia hidrográfica.

Trouxe a outra mão que não tinha nada melhor para fazer do que ficar segurando seu joelho, e passou a limpar o rosto com as duas, esfregando-as abaixo dos olhos, com uma calma furiosa.

- Ele... está bem, não está?

Não precisava nem ter perguntado. Qualquer um que entrasse... que fosse engolido pela máquina preta sentiria como se... tivesse saído do paraíso: um

sono profundo e edificante, e depois, o prazer de se acordar, e a vontade mais forte de continuar vivendo; a coragem e o ânimo.

- Sim - disse a voz rouca, fastidiosa como de costuma. - Ele está ótimo. Dormindo como um bebezinho.

É? - a jovem respirou fundo, aliviada. - Que bom...

- Você está com a cara mais vermelha que eu já vi - a voz de mulher velha tentava parecer amistosa, sem muito sucesso. - Tem certeza que não quer passar por um *check-up*?

Uma pausa. A chuva que nunca se viu voltava a predominar.

- Sim, porque pelo que sei você está me devendo uma passagem pela máquina. Faz bastante tempo que acordou, e ainda não fez nenhuma de suas terapias. Sabe o quanto são necessárias, não?

- Sim, eu sei... - a mulher elevou a cabeça e olhou para o alto, em busca de possíveis palavras aladas que a poderiam inspirar quanto ao que dizer. Estava deprimida.

- Como estão as suas pernas?

- Moles... - ela nem checou para ver se estavam mesmo assim.

- Então? É hora de exercitá-las um pouco.

O rosto de mulher velha pendurado na parede defronte a moça estava de novo com a razão. Era um organismo pensante, lógico, como se auto-definira, e não poderia se permitir nenhuma incursão ao erro, ao engano ou à falsidade. E ela sabia, assim como a madrastra sabia, destas suas necessidades mais constantes dos serviços revigorantes das máquinas incrustadas nas paredes. E sabia também que isso não ocorreria tão freqüentemente com o rapaz que outra vez dormia. Ele estava completo, perfeito... pronto, por assim dizer. Não tinha acordado antes da hora, antes do dia marcado, como ela, e sendo assim, cumprira os sete dias pre-determinados. Os dias da reposição... reorganização... ela não lembrava da palavra que a madrastra empregara em uma de suas prolongadas palestras. Ela não lembrava da metade das palavras proferidas pela velha nesses discursos. E olhe que a Mãe não tinha a mania de ficar usando palavras difíceis...

- Quer que eu prepare tudo agora?

- Hã? - A mulher foi sacudida pela voz calma vinda das paredes, abandonando mais um transe de reflexões imprestáveis. - Sim... prepare a máquina verde antes, está bem?

- É claro - assumiu a velha. - Deprimida do jeito que você está... é lógico que a verde será a primeira, apesar de que a cor dos aparelhos não significa muita coisa... Todos eles podem exercer as mesmas funções.

- Eu... sei, mas eu acho a verde mais bonita de se ver.

- Tudo bem. As pessoas costumavam dizer que a cor verde é um poderoso calmante. Quer que seja por aqui mesmo ou...

- Sim, aqui. Bem perto dele - a bela jovem fixou o olhar enternecido na bolha negra de onde saía o par de pernas e pés imóveis. - Quero estar bem perto para... quando ele acordar.

A falta de confiança no que dizia traía a sua voz. Dados os fatos mais recentes, o garoto devia, de uma forma cônica ou não, estar associando tudo, e mais tarde quando acordasse, pensaria as mais peçonhentas cobras e lagartos a respeito daquela mulher estúpida e aleijada numa cadeira de

rodas. E não deixava de ser aceitável, se se consumasse, uma conduta deste tipo, afinal ela era a humana, o ponto compreensível e aceitável de todas as circunstâncias impossíveis. E ela merecia a culpa por tudo, por ter feito tudo errado, por ter dito o que não devia.

Mas o que devia ter dito, então?

- Está bem - a Mãe, outra vez. - Quer ver o "*grande espetáculo*"?

- O grande o quê?... Ah, sei - ela balançou a cabeça em negação, e até sorriu. - Não, não. Tive sorte de não vomitar com o que você fez com ele agora há pouco. Já vou sair... Depois a senhora me... avisa.

- Pode deixar - a velha fez uma careta pouco satisfeita.

Uma das coisas que a Mãe detestava profundamente era ser chamada de senhora. E essa característica tanto poderia ser um traço emocional, porque a velha era um ser vivo e não uma máquina, como poderia não passar de um efeito calculado e específico, um trejeito obrigatório segundo uma programação previamente estabelecida, porque a velha funcionava como uma máquina, mesmo estando viva.

Era ainda controverso para a mulher na cadeira de rodas, que manobrava para abandonar o recinto, este aspecto da natureza da Mãe, de sua genitora. Ela dizia ter uma programação, um roteiro delimitado e organizado de atividades e de reações; como os antigos computadores, tinha rotinas, subrotinas, fazia infinitos cálculos antes de tomar uma decisão além de ser muito comedida, sincera e correta ao falar. Trocando em miúdos: era um computador, uma máquina sem sentimentos, sem amor nem paixão.

Por outro lado era uma criatura composta de células, como todos os bichos e plantas dos livros de ciências, e como as pessoas mesmo. O que ela tinha lhe contado?... algo sobre suas células serem enormes, perfeitas, todas iguais, maleáveis, bem diferente das da gente que são fixas e não podem sair do lugar nem mudar de forma.

Muitas coisas tinha lhe dito o rosto das paredes sobre as tais células luminosas como aqueles peixes feios dos abismos marítimos, sobre estas células que mudavam de cor como os camaleões que ela também só conhecia pelos livros, sobre estas células que ficavam mudando de forma... *não, não*, eram as *paredes* que mudavam de forma, que ficavam às vezes sólidas como tijolo, como diamante, e às vezes líquidas como leite. Não sabia se as células também mudavam, mas as paredes faziam de tudo, e viravam até fumaça, enchendo de "*gases de parede*" o ar ambiente. Gases bastante nutritivos, segundo a velha senhora. As células não respeitavam nenhum limite, tornando sua dona uma criatura sem o menor defeito, imune às doenças. Mas pensando melhor, as células brancas (deviam ser brancas) respeitavam sim, uma coisa: a sua programação, as rotinas e subrotinas...

Tudo isso era tremendamente confuso para aquela mulher que estava mais preocupada em estacionar direito o seu veículo em miniatura. A madrasta falava e falava, e dizia que as suas células chegavam a ser até a prova de doenças, a prova de falhas, com certificado de garantia e tudo o mais. Elas, as células, faziam como certos vírus, de tamanho reduzido e nomes enormes, que diagnosticavam as doenças e os problemas e assumiam suas formas, agindo como se as doenças fossem aliados, ou como se tivessem aprendido a evitar a anomalia a partir dela mesma. Células inteligentes, para resumir todo o extenso e intrincado palavrório; células que

aprendem a se defender, a mudar de lugar e de cor, a somar, dividir, potenciar e equacionar, quem sabe. Ela é que era muito burra e não conseguia diferenciar uma coisa da outra, mas também, para que compreender tudo o que as células faziam? Que diferença faria se ela soubesse ou deixasse de saber sobre o funcionamento das células brancas? E que diferença fazia se eram brancas ou não? Não valia a pena tanta preocupação por um motivo tão... banal. Talvez fosse a hora de enfiar a cabeça dentro de uma daquelas máquinas verdes, feitas de células que poderiam mesmo ser verdes. O rapaz estava dentro da máquina preta, cujas células deviam ser pretas, e a Mãe dissera que tanto fazia a cor das máquinas. Talvez as diferentes cores das máquinas que a mulher já tinha visto, verdes, azuis, vermelhas, amarelas e roxas, não tivessem um efeito muito diferente de uma simples ornamentação. E talvez tantas máquinas não passassem de uma única máquina de formato alterado. A promoção e o novo *design* de um velho produto como formas de atrair novamente o consumidor.

Posicionou a cadeira de rodas rente a uma das cinco paredes idênticas daquele novo quarto, pentagonal, que formara-se ao lado do outro, onde o rapaz estava. Realmente, a madrasta sabia o que fazer para deixá-la surpresa. Um quarto com cinco paredes...

Havia muito para ser visto por ali, porque o teto não era uma simples superfície lisa e horizontal, não desta vez. As cinco paredes subiam com imponência até uma altura de uns cinco metros, conforme ela julgava, e logo sofriam uma dobra, criando cinco triângulos brancos, impecáveis como era o esperado. As pontas dos triângulos se uniam no cume da sala, formando uma pirâmide oca de formato pentagonal, uma pirâmide vazia e luminosa. Parecia que aquela estrutura brilhava mais, como se as cinco facetas amplificassem o brilho natural da cúpula. Um diamante, um cristal de leite congelado, era ali onde estava; dentro de um enorme diamante branco, lindo, magnífico, reluzente.

Era sempre a mesma história. A velha parecia poder compreender as coisas que aconteciam, que viriam a acontecer. Ela, a pequena mulher na cadeira de rodas, ela não tinha como esconder suas emoções da dona daquelas paredes, e nem tentava; não queria sobrecarregar-se, ser transformada numa bomba de emoções. Ficar descarregando o que sentia tudo de uma só vez, em um momento que tanto poderia ser adequado a isto quanto poderia ser errado, o que talvez propiciasse conseqüências desastrosas. Nestes casos, surgia a madrasta que demonstrava saber das coisas, percebendo quando sua pupila deficiente estava perigosamente entediada, fazendo surgirem quartos diferentes e diferentes caminhos com a intenção de distraí-la.

E quando estivesse morrendo de sono, qual era a primeira coisa que via ao dobrar a esquina? Uma bela de uma cama, com travesseiro macio e lençóis estampados e fofos. Ah, e naquela segunda noite em que fora atacada pela pior insônia... como fora maravilhosa aquela noite, inesquecível mesmo.

O que sucedera de fato ela ainda não conseguia definir. Mas estava convencida de que jamais vira tão belo espetáculo de luzes, tanto nesta nova vida como na anterior. Fora maravilhoso, difícil de descrever; muitas luzinhas de diversas cores, como pequenas estrelas flutuando pelo teto, pelas

paredes, chegando bem perto como se o teto se aproximasse, como se fosse desabar sobre a sua cabeça, depois fugindo pra bem longe. Elas iam e voltavam como estralas no espaço, vistas do interior de uma possante astronave, do interior de uma astronave desgovernada. Fogos de artifício que explodem em silêncio, cometas incendiários, minhocas serpenteantes de luz, mares brilhantes e tremeluzentes, constelações e buracos negros que afunilavam a luz convertendo-a em um só ponto de inimaginável escuridão, vira a tudo isso durante aquela noite no espaço, noite sem sono que passara a ser noite de sonho e deslumbramento. E enquanto supernovas e galáxias inteiras explodiam rente ao seu rosto com a potência de mil vulcões, ela escutava a mesma chuvinha de sempre... a chuva e um outro barulho mais forte: as batidas de seu coração. Não é sempre que se faz uma viagem intergaláctica sem sair da própria cama.

Sim, a Mãe sabia como distraí-la. Dormira entre os anjos naquela noite, e agora esquecia até da vida atribulada que levava ao admirar o belo brilhante onde acabara de entrar. Nem parecia que pouco antes estivera a ponto de vomitar ao ter o desprazer de ver pela segunda vez um daqueles tentáculos nojentos sendo expelido pela parede imaculada. E desta vez tinha sido ainda mais horrendo, porque no primeiro dia não houvera nenhum garoto aleijado e indefeso na mira do pseudópodo. Na primeira vez, ela, como ele, também fora pega de surpresa pela... máquina.

Ela ainda amargava entre suas lembranças mais torpes aquela protuberância, aquela coisa escura nascendo do chão, rodeando sua cadeira, crescendo rápido como um vulcão de carne podre e fluidos malcheirosos, que na verdade não tinha cheiro algum. E crescia e crescia, desfolhando-se como uma flor de... *carne de fígado*, vermelha e viscosa, quase negra.

Tinha podido ver as bolhas e os filamentos amarelados e repugnantes abraçando-a, esparramando-se por todos os lados nas entranhas daquele horrível embrulho vivo. E não vira mais nada além disso. Torcera o rosto para o lado, e devia ter posto a mão - que ainda estava bem fraca como todo o braço - na boca para não fazer uma sujeira ainda maior.

É o que tinha a madrastra lhe dito daquela vez, depois daquela vez. Algo como "*foi de propósito*", usando outras palavras, porque alertá-la teria sido inútil: ao pedido de "*não olhe*" a jovem certamente teria cedido ao assalto da curiosidade, e como o susto era inevitável, a madrastra preferiu dar o exemplo ao invés de apenas comentá-lo.

Porcaria de alienígena que não se decide... às vezes é cruel como o mais perverso carrasco, e noutras é um anjo de doçura, guardando os seus enteados terrenos com toda a delicadeza. "*Vocês, humanos, são criaturas muito curiosas*", a criatura dissera daquela vez, sem deixar de ter razão. Só que a madrastra também não deixava de ser uma criatura muito curiosa.

Porcaria de alienígena decidido!

- Está pronto - disse aquela mesma voz de sempre, atraindo a mulher na cadeira de rodas para uma das paredes do pentágono onde um rosto conhecido manchava de vida a rigidez de rocha polida. - Você pode ir quando quiser, mas é melhor que vá logo. A carga da máquina que você precisa é menor, porém o seu corpo ainda está fraco e a fisioterapia se faz necessária. Se quiser acordar um pouco antes do seu companheiro é melhor que faça tudo de uma vez.

- Sim... - disse a moça, enfasiada. - Eu tenho que estar esperando para recebê-lo... para poder contar as novidades. - Tentou sorrir, mas seu olhar permaneceu sóbrio e vazio.

- Não precisa preocupar-se tanto - disse a velha na parede. - O rapaz está sob uma forte tensão emocional, e por isso agiu de um modo tão precipitado.

- É... ficar quatro horas num quarto fechado, olhando para quatro paredes que brilham não é uma experiência das mais fáceis de se suportar...

- Sete horas, deixando de lado minutos e segundos.

A mulher ficou pensativa, querendo dizer para aquele rosto acinzentado que frases desse tipo não precisavam nem mesmo ser ditas, mas sentia-se complacente. Comentou a arquitetura, então. - É... bonito diamante.

A velhota enrugou ainda mais a testa gasta, sem ter entendido o que a outra dissera. A moça percebeu e soltou os braços e pernas cruzados, abrangendo a amplitude do novo aposento.

- Ah, você fala deste lugar.

- Sim, parece um diamante visto por dentro. É muito bonito.

- Obrigada. É que às vezes eu percebo o quanto você está comovida, e então sou obrigada a inventar uns corredores novos, umas distraçõezinhas.

Era incrível como uma voz tão pouco inflexiva conseguia fazer uso de termos tão coloquiais, tão infantis, como aquele "*distraçõezinhas*". Um semi-analfabeto ao ler um texto não caracterizaria os vocábulos com maior desinteresse.

- ... e eu nem percebi a semelhança com este mineral, com a maneira pela qual vocês o esculpam - a mulher velha prosseguia. - Realmente, depois de ser lapidado e nivelado, este tipo de cristal carbônico geralmente assume formato geométrico ou piramidal, com vários lados. Antes de ser lapidado, o diamante não apresenta uma aparência muito influente para a visualização humana. A maioria deste minérios, quando brutos são tão pouco exuberantes do ponto de vista estético que...

- Mãe - a mulher interrompeu. Da maneira como se sentia agora, exausta, deprimida e ansiosa, um discurso sobre a fina arte da joalheria era tudo o que ela *não* necessitava.

- O que houve?

- Vamos às máquinas, está bem? Vamos às máquinas...

Sim, vamos às máquinas.

* * * * *

Quando o rapaz acordou, apressou-se em julgar que tinha finalmente saído daquela sucessão atordoante de pesadelos desconexos, que ainda o surpreendiam pelo extremo rigor, pela extrema realidade com que tinham se manifestado. Não levou muito mais tempo para que mudasse de opinião, percebendo que estava tudo tão errado quanto antes.

Examinou seu corpo. Os braços e pernas obedeciam de imediato os seus comandos, realizando ao menos os movimentos mais leves. Sentiu que não havia mais nenhuma dor, nem nas gengivas, nem nos ouvidos, nem mesmo no joelho que tinha sido lesionado. Nada mais doía, e ele tentava convencer-

se de que era um homem forte, que podia fazer tudo o que os outros homens faziam. Até lhe causava um certo entusiasmo a idéia de que não era nem nunca tinha sido um deficiente inútil.

E, tendo em vista o joelho, se a lesão fora causada por um sonho, como ele começava a supor que poderia ter sido, era mais do que necessário que a dor cessasse na volta à realidade, ao mundo dos vivos.

Contudo, a realidade parecia desfazer-se em um brilho magnífico, um brilho branco no teto cor de leite. No teto sem lâmpada.

O rapaz fez uso de suas novas forças, elevando o tronco para o alto, sem o auxílio dos braços, em um único impulso. Para o seu desagrado, uma sala retangular estendia-se para os lados, assemelhando-se muito com um corredor bem largo, se bem que bastante curto. Um corredor com paredes brancas e luminosas.

Pelo visto o sonho não havia terminado. Aliás, nunca havia sequer começado, porque ele nunca estivera em um sonho. Estava sim é cercado de leite congelado por todos os lados, e isso era a mais pura verdade, assim como era verdade que o ar devia estar faltando por ser um lugar, ao menos à primeira vista, todo fechado. Só que, da mesma maneira como as paredes luziam sem cegá-lo, ele não conseguia sufocar-se pela falta ilusória de ar.

Sentiu que uma realidade nova e diferente, à qual precisaria adaptar-se, o cercava. Estava certo ao menos de duas coisas: primeira - de que estava acordado, e isso era definitivo; segunda - de não ter a mínima noção do que se passava ao seu redor, em volta da pequena câmara onde agora se encontrava, vindo não se sabe de onde, trazido não se sabe por quem; e cabia mais um terceiro ponto, apenas para complementar o segundo - ele tinha que procurar as respostas para tudo que não sabia, e eram muitas respostas, assim como deviam existir muitas, muitíssimas perguntas.

Ele era um cego que voltava a ver, a quem o tato, sentido pouco prático, enganara por muito tempo. A quem a ilusão dos sonhos enganara por muito tempo.

Foi como um cego que volta a ver que ele girou a cabeça e os olhos atentos para todos os lados, para cima e para baixo. Ver era saber, e aquele jovem desejava antes de mais nada saber de tudo, ver tudo o que houvesse para ser visto.

Sentiu uma tontura, algo como uma vertigem, e teve de concentrar-se, piscando algumas vezes para desmanchar o torpor. Tinha medo de cair e não confiava por inteiro em seus músculos, mesmo com o ato quase heróico de ter se levantado sem usar as mãos. Sentindo que a estabilidade voltava, foi cumprir sua estranha missão de observador.

Primeira pergunta: o que mais havia na sala?

Olhando em volta mais controladamente, ele descobriu estar sobre uma espécie de mesa retangular, forrada em couro preto. Não havia cobertores nem mais nada que não fosse ele próprio estirado na tal mesa. Viu estar nu da cintura para cima, e uma bermuda larga e vermelha (alguém por ali devia ter obcecação por vermelho), levíssima, era a única peça a cobrir o seu pudor, deixando duas pernas peludas que ele não conhecia aparecendo lá embaixo. Ele não desmerecia a precariedade do traje, afinal estava calor, ou melhor dizendo, estava morno; a mais mediana das temperaturas. Poderia até agradecer quem retirara seu pijama branco - ele lembrava bem da roupa

que estava usando antes - pois tinha sido muito bem feito. Com uma temperatura agradável e um ar pesado, oxigenado, úmido como o que enchia aquele compartimento, sua nova e minúscula roupagem era tudo o que ele precisava para sentir-se dono de todo o conforto.

Talvez tivesse sido aquela mulher que dormia em uma mesa igual à sua, alguns metros à direita, quem retirara o seu pijama. Era a mesma moça de antes, com seu cabelo escorrido, curto, muito liso; a mesma roupa verde, o mesmo vestido justo, mas que não era colado ao corpo, com duas alças não muito finas que deixavam à mostra boa parte dos ombros, escondendo o busto pouco volumoso. O mesmo rosto pacífico de antes.

Ela dormia, e isso a deixava ainda mais plácida. Ele a observava, sem conseguir deter-se muito no corpo pequeno. Lembrava ao ver a beleza calma daquela face, dos olhares atenciosos e palavras obscuras com que ela tentara recebê-lo. Ela sabia de muita coisa, mas ele não tinha tido como entender o que ela lhe dissera, apavorado como tinha estado. A voz doce, rouca, angelical, deixava saudades.

Estivera com os nervos à flor da pele, e ainda sentia uma pequena inquietação. Continuava sem saber onde estava, ou quem era. Nem as pernas que tinha, nem o peito magro e careca ele conhecia. Pena que aquela bela dama estivesse submersa no melhor dos sonhos. Agora, bem mais calmo, ele poderia ouvi-la com mais atenção, e tentar... e fazer o possível para entender o que de tão importante ela tinha para lhe dizer.

Porque tudo agora era importante...

E ele tinha sido um tolo. Com nervos ou sem nervos, agira como perfeito idiota. Fizera muito barulho, esperneara, dera aquele tapa na mão dela. *E agora?* Agora, estaria enrascado, isso se a jovem senhora a quem agredira com tanto despeito não estivesse ali, dormindo como um jovem bebê. Ela parecia ser a prova viva de que nada de muito grave tinha acontecido.

E quem era ele para tirá-la de um descanso tão terno e merecido, depois de tudo o que tinha feito. Ela era linda, mesmo ao dormir, e tinha o rosto de uma boneca... um pouco mais severo talvez. E como era engraçadinha aquela boca de gato ou de coelho entreaberta, os lábios grossos deixando ver os dois dentinhos incisivos com cor de nata. E os pequenos traços de desconfiança nos cantos da boca, o narizinho reluzente e multifacetado...

Faltava a alegria azul, o desinteresse azul dos olhos para que se desfizesse o rigor e aquela face voltasse a ser a face de uma bela menina crescida, a face de uma boneca, a face de um anjo.

Mas só faltava ele ficar apaixonado logo agora! Está certo, ela era uma deusa maravilhosa e dava gosto lembrar seu sorriso pedinte. Mas, cada coisa no seu devido lugar. Não podia ficar deixando levar-se pelas emoções, não antes de saber melhor o que se passava neste mundo assombroso de paredes brancas... e talvez *nem depois*.

Tinha que descobrir do que eram feitas as paredes brancas e luminosas, e também por que estava tão amena a temperatura em um lugar tão apertado. E aquele rosto móvel que havia visto afixado na parede, e a coisa gosmenta que tivera lhe tragado, botando-o para dormir. Tinha mesmo muita coisa para procurar, e vontade era o que não lhe faltava. Era como se tivesse recebido uma forte dose de ânimo e interesse, que acabavam por obscurecer os medos. Sentia-se muito mais forte, dono de si mesmo.

Porém, era tudo muito estranho, e ele sabia que, apesar da vitalidade refeita, não poderia sair por aí procurando rostos de contornos distorcidos pelas paredes. Rostos que falavam, que cumprimentavam... Parecia ser mais outro sonho, ou uma ilusão. Uma holografia? Ou senão uma imagem tirada de um daqueles supercomputadores de animação gráfica, onde bandos de malucos faziam suas artes digitalizadas, movimentando *mouses* e canetas óticas e tantos badulaques virtuais ou mesmo reais quantos se possa imaginar, com uma dúzia de fios à mostra, saindo dos terminais. Era isso. Não vira direito - estava apavorado - e pensara ter estado frente a frente com parte de uma estátua que se mexia, quando na verdade o que tinha observado era apenas uma projeção muito bem enquadrada do busto de uma anciã... não, do busto não; uma projeção *do rosto* de uma mulher de uns setenta anos. Só o rosto. Não vira o pescoço nem nada abaixo deste.

Ele não poderia ficar procurando imagens de computador sobrepostas nas paredes. No fim das contas, não teria condições de procurar coisa alguma. Estava trancado dentro de uma sala comprida, sem nenhuma porta.

Voltou a observar aquela obra-prima de mulher adormecida. Também não poderia ficar se apaixonando, por mais difícil que pudesse ser. Não podia deixar as emoções tomarem o controle, ficar tomando decisões precipitadas e erradas baseando-se em um sentimentalismo tolo. Não mesmo, e ele deixou de olhar a mulher que sonhava com anjos que não eram da sua conta.

Talvez existisse um duto de ventilação debaixo de uma daquelas mesas... mas, *espere... uma porta!* Havia agora uma porta, um vazio no lugar de uma daquelas paredes brancas. Mas como? Tinha ficado de olho naquele semblante cristalino, na expressão indômita daquela mulher que dormia. Fora hipnotizado por aquele par de olhos fechados, mas essa sua distração não levara além de alguns minutos. E então, sem mais nem menos, *uma parede inteira sumia*, fazendo a salinha comprida assumir o verdadeiro aspecto de um corredor extenso, cujo final se perde na primeira esquina. Um corredor que seguia uns quinze passos largos para a frente, dobrando logo em seguida para a esquerda e impedindo a visão de seus limites além deste ponto.

Pela segunda vez, aproveitando-se de sua desatenção, uma passagem abria-se do nada.

Se pudesse ver os próprios olhos, teria um sobressalto ao perceber o quanto estavam arregalados. Contudo, não tinha como vê-los, nem estava interessado. sequer notara o constante, o incessante barulho de água pingando das telhas que não se podia ver nas poças do chão. Era *uma parede* o que houvera ali, minutos atrás, uns poucos metros à esquerda do seu divã de couro preto. E agora *não tinha mais nada naquela mesma posição!*... Mais nada que não fosse um buraco branco, luminoso, sem fim.

Como era possível, se não tinha escutado nada, nenhum assovio ou zumbido que indicasse o funcionamento dos mecanismos de uma porta automática? Só ouvira chuva, e a respiração leve da moça, que mal e mal mexia as narinas de tão quietinha que era. Nem o vento ele tivera percebido.

Como se tivesse ouvido alguma coisa, a mulher virou-se em seu divã de médico, buscando maior conforto em uma outra posição. "*Tomara que eu não esteja pensando muito alto*", cogitou o rapaz, atento novamente a ela. Não queria acordá-la de jeito nenhum. Preferia ficar sozinho por enquanto.

Pensava melhor desta maneira, sozinho, ou pelo menos era nisso que acreditava.

Virou-se de volta para o ponto onde estivera a parede, que ficava à sua esquerda. Quis levantar-se, empurrando as pernas para fora do divã. Fez algum ruído: a pele daquelas pernas repletas de cabelos claros raspava no couro umedecido pelo suor. Não querendo acordar a mulher, tratou de ser mais cuidadoso com seus movimentos. Mas era difícil deixar de romper o silêncio daquele chuvisqueiro que funcionava como se fosse uma trilha sonora específica do lugar. Fora aquela chuvarada, não se ouvia o menor rangido, nem o mais vago sibilo que pudesse sobressair, amainando a tempestade que suas coxas faziam ao girarem no couro grudento. Como um trator a roncar no silêncio da lavoura, ele conseguiu virar-se sobre a mesa-cama, fazendo seu peito apontar para o espaço vazio deixado pelo paredão que desaparecera. Restava só descer, e sair caminhando pelo corredor que estendia-se ao longe.

"*Sim... restava só sair caminhando, e levar um tombo daqueles!*", ele imaginou. Estariam suas pernas tão fortes quanto davam a entender que estavam? Estava farto de quedas. As nádegas ainda doíam dos escorregões de antes... Doíam, ou seria só impressão? Bem, de fato não doíam, e nem mesmo seu joelho doía. Talvez esta impressão não passasse de uma relutância sua em decorrência dos acidentes, porque no joelho não havia mais nada, a não ser uma cicatriz velha e vencida, como se ele tivesse ficado dormindo por... *uns meses!*... cicatrizando feridas que tinham sangrado horrivelmente, aplacando dores morais e corporais, reduzindo fatos do dia anterior à inconsistência das fotos encardidas do passado, em relação à memória.

Segunda pergunta: o que, por Deus, estava acontecendo?

Não passara meses inteiros dormindo. Afirmar algo assim passava longe do que ele considerava como aceitável. E a mulher, que continuava com aquela roupa verde, o mesmo vestido da outra vez... há *meses* atrás? Nenhum fundamento, se bem que quem passa alguns meses dormindo não costuma trocar de roupa muitas vezes. E roupas também podem ser reutilizadas.

Mas, como podia alguém ter trocado sua roupa de dormir por um conjunto esportivo, sem acordá-lo? E os banhos? Quem passa a vida em um sarcófago fechadíssimo tende a empoeirar as suas juntas, quanto mais alguém que passa a vida dormindo em cima de um divã.

E a fome? Como se explica que se permaneça por meses, por semanas, por dias que sejam sem comer, e se acorde no último dia do ciclo sem ter fome ou sede, sem sentir necessidade alguma? Ora, até o ursos acordavam com fome, eles que eram peritos em hibernar. Era absurdo que ele, um simples humano, estivesse assim, saciado, sem fome nem sede, as pernas funcionando, os braços funcionando, a cabeça funcionando melhor do que nunca. E até aquela moça no divã de pediatra ao seu lado estava tão corada como antes, quando a vira pela primeira vez, há meses atrás, quem sabe...

E o joelho, que tinha sangrado, empapado toda a perna vermelha do pijama. O joelho só exibia uma cicatriz; uma mísera cicatriz de muito tempo antes. Tudo era hoje, ontem no máximo, tudo menos a droga de uma cicatriz velha no joelho.

Repetindo a segunda pergunta: o que está acontecendo?

Nada encaixava. Paredes sem lâmpadas, paredes que desaparecem como poeira sem deixarem marcas - porque não havia nenhum traço de divisória, nenhum compartimento para onde a parede sumida instantes atrás pudesse ter sido puxada e escondida -, paredes que faziam pinturas a *laser* das impressões de seus dedos, a parede que o abraçara e o engolira escorrendo igual a um fluido pernicioso pela sua goela, a parede com o rosto esculpido, paredes e mais paredes que brilham, o rosto que se mexia... o rosto que sorrisa para ele...

Quer que a segunda pergunta seja novamente repetida?

Não era necessário. aquele rapaz já estava cansado de saber que devia sair por aí caminhando, ou arrastando-se, como fosse. Já estava cansado de saber que devia entrar por esse novo corredor e ver aonde iria parar, ver que respostas encontraria para todas aquelas dúvidas incoerentes que ficavam corroendo a confiança que sentia como se fossem uma doença fatal da qual ele tomara conhecimento há apenas alguns minutos.

Não suportava mais ficar olhando para aquelas suas pernas cabeludas, sem saber a quem pertenciam. Ficar vendo as coisas indo e voltando, as paredes indo e voltando, vivas. Tinha que aproveitar sua vida, sua vitalidade reestabelecida, e sair por aí, caminhando ou se arrastando, rumo à sabedoria, como e por quê, onde e quando.

Mas ainda tinha medo. Se caminhasse, algo lhe certificava de que cairia, e se ficasse se arrastando como um verme poderia levar outros tantos meses vagando por aquele corredor que parecia ser comprido, infinito como os séculos. E aquele detetive, aquele agente de quem o jovem lembrava-se dos filmes... se ele tinha carros incrementados que transformavam-se em barcos, disparavam mísseis e expeliam nuvens de fumaça para confundir os inimigos, por que justo ele teria que começar a pé?

A cadeira de rodas...

É isso! Era automática, e devia andar bem rápido, e certamente era bem mais segura do que essas suas pernas cabeludas que nem pareciam ser suas! Mas onde a cadeira de rodas estava?

Virou a cabeça para um lado e para o outro, inclinou o corpo, fez os olhos passearem focalizando todas as dependências da sala... do corredor, até que achou a máquina. Estava ao lado da cama da mulher, rente à parede lateral que sobrara, na ponta direita do corredor, pronta para ser usada. Era só pegar!

Engraçado... ele não conseguia recordar-se de ter visto a cadeira de rodas por ali na primeira vez em que vasculhara o local.

Ah, deixa pra lá! Não olhara direito, e pronto!

Desceu de uma vez do divã, as pernas balançando um pouco ao suportarem peso engrandecido do próprio corpo. As tonturas voltaram rápido e ele viu as imagens nublando-se, tornando-se brancas, um brilho cegante mesclando as formas, fazendo o preto da mobília e o branco das paredes confundirem-se no caos que precede os desmaios. Nada que uma piscadela ou duas não pudesse resolver.

Piscou, piscou e piscou. E depois piscou outra vez, para garantir. A sensação desagradável passou, deixando um enxame pouco numeroso de bolinhas meteóricas, que dançavam velozes diante de sua vista. Ele sabia

que estas imagens indicavam algum problema com seus nervos. Mas, não seria ele que iria pifar. Seus nervos que explodissem. Nem se ficasse cego iria esmorecer.

Piscou e piscou, e sacudiu de leve a cabeça, mandando chumbo nas bolhas que apenas ele podia ver, e que começavam a explodir sem fazer barulho, iludindo-o com os registros visuais de uma pane em seu cérebro. Logo, não havia mais bolhas nem cegueira, problemas comuns para todos os desavisados que mudam de posição muito rápido. Assim mesmo o rapaz piscou e piscou de novo, só para garantir.

Sentiu as plantas dos pés tocarem o chão liso. A temperatura devia ser a mesma dos pés, no caso do chão - o tato não registrava frio nem calor. Olhou para baixo, ressentindo-se da altitude. Se ficar ao natural, ereto, sempre iria lhe causar tantas vertigens, era bem preferível que ele virasse uma lesma, permanecendo pelo resto da vida grudado no chão.

De um modo ou de outro, não queria mais ficar tonto, nem cair e nem fazer barulho para não acordar a linda moça no outro divã. Agarrou-se firme no couro de sua cama de consultório e foi descendo devagarzinho, flexionando as pernas comedidamente, sem desprender a atenção dos roncões e rugidos que seus ossos crispados e carnes tesas faziam. Era similar ao estrondo de uma pilha de coisas desabando o ruído dos seus músculos enferrujados, e reforçava aquela impressão de que meses sedentários tinham se passado.

Ele continuou a descida, segurando-se, detendo a queda com o uso das mãos que arranhavam o couro. Como era *alta* aquela bosta de divã! Se tivesse se virado durante o sono, teria caído e se arrebetado o nariz! *Porcaria!*

Quando viu que a altura era boa, soltou-se, batendo com a bunda que doía de mentirinha no chão sem sombras. Se *James Bond* (ele não lembrava do nome, mas sabia de quem estava falando) podia fazer suas peripécias, com todo aquele arsenal de equipamentos especiais, ele também podia. E apesar do desleixo da comparação, o rapaz paraplégico sentia-se agora como alguém que desce por uma corda com um gancho na ponta por uma parede iluminada de um prédio de vinte e tantos andares. Paredes e mais paredes... Será que o agente secreto saberia o que fazer com tantas paredes?

Esfregou as mãos na bermuda avermelhada, já acomodado ao lado daquela cama improvisada de um metro e pouco que estava longe de alcançar o viço dos vinte e tantos andares. Estava com as mãos molhadas, suadas demais. Indiferente a isto, dava graças a Deus por não ter feito nenhum barulho ao ter batido no chão. Problemas, já bastavam os seus!

Virou a cabeça para trás e viu a cadeira de rodas ali perto, a dois divãs de consultório de distância. Estranho, pensou ele, como o nome deste tipo de divã, que não parecia mesmo ser *divã*, dava ares de ser coisa simples, e de estar ali, na ponta da língua, tão próximo quanto aquela cadeira motorizada estava; e no entanto permanecia distanciado, fora do alcance de suas lembranças. Ficava sendo *divã*, então, na falta de termo mais adequado.

Bem... neste momento ele devia ser o herói, o maioral, o bravo, e infiltrar-se no QG do seu pior inimigo, *as Paredes que Fazem Coisas Estranhas*, para surrupiar uma das armas secretas desta tenebrosa organização: *a Super Cadeira de Rodas Automática!* Era um agente famoso numa missão, e as ordens recebidas da *Agência* (a firma que emprega os espões - deve ser

esse o nome) eram bem concisas. Tinha por missão, após o roubo do engenho ("*roubo*" não ficava muito apropriado, mas, como seu vocabulário ultimamente deixava muito a desejar...), infiltrar-se para descobrir quais eram os planos das Paredes que Fazem Coisas Estranhas. Espionar, procurar saber até os detalhes menos importantes da trama sórdida que o inimigo desenvolvia às escuras. E devia fazer tudo isso sem ser notado. E no clímax final da aventura, um punhado de bombas bem colocadas para dar um fim adequado ao arsenal dos bandidos, e a felicidade de sair dali carregando a heroína linda e dorminhoca nos braços... Será que ela pesava muito?

Arrumou-se de gatinhas e foi se esfregando pelo piso de acrílico leitoso, para contornar as duas camas que talvez tivessem um outro nome diferente de divã. Não fosse o clima de suspense e apreensão, estaria rindo de si mesmo pelas bobagens que pensava. Grande espião que mal podia parar de pé! Não fosse estar sentindo-se novo em folha, estaria chorando, roendo as unhas e os dedos em cima do divã que não era divã. Não fosse o medo que sentia, e que tentava desvanecer através da alegre e contagiante pantomima dos pensamentos, não estaria suando a ponto das mãos escorregarem e marcarem o chão lustro, e não estaria tremendo como se sentisse frio. Se não fosse o medo, com certeza estaria rindo, cuspidando gargalhadas tímidas, escondidas pela boca; estaria rindo e muito de si mesmo.

Não ria também para não acordar a moça, a heroína da trama. Tinha medo de acordá-la. Preferia a solidão naquele momento. E a solidão é uma companheira instável e mau humorada, que quando rompe com alguém, demora a voltar. Melhor não provocá-la então, e aproveitar o vácuo silencioso que ela deixa em seu caminho.

Solidão... silêncio... rapidez... como os bons espiões, como os bons detetives.

Sentia tanto medo quanto curiosidade. Era uma criança a descobrir o mundo onde nasceu, andando como criança, a engatinhar, sobre pés, joelhos e mãos. Uma criança que não quer ser descoberta nas suas andanças e averiguações, porque não quer levar nenhum xingão. Uma criança que tinha medo do mundo que a espreitava, e que ela desejava ardentemente conhecer. Tinha medo dos monstros que podiam estar à solta, como só as crianças têm medo igual.

Bom era deixar de lado as suposições que o atemorizavam, concentrando-se unicamente no que fazia. Alcançou o extremo de seu próprio divã, enquanto limitava a abrangência de suas mentalizações ao rigor estreito do caminho que trilhava. Se não houvesse um labirinto de armações metálicas por debaixo das camas-divãs, teria atalhado e passado por ali mesmo.

Fez a curva, cambaleando como um cão danado, e seguiu diante das camas de consultório com uma velocidade que era graduada em conformidade com os ruídos que fossem sendo produzidos durante a marcha. Olhava as mãos que ficavam mais escuras, quase negras, ao tocarem a superfície reluzente; as pontas dos dedos transparecendo em radiografias pouco precisas de suas carnes avermelhadas.

Outra vez a segunda pergunta: o que estava acontecendo?

... acrescida de uma sub-pergunta: por que estava acontecendo?

Como é que uma luz tão branca, tão forte que chegava a clarear as pontas dos dedos mínimos não o deixava cego era uma pergunta que não parecia

ter nenhuma resposta viável. Não havia explicação para o efeito daquela luz, tão agradável de se ver, tão chamativa. Era como acontecia com as mariposas que se atiram nas lâmpadas dos postes, batendo e batendo nos globos, confundindo-os com a lua, em vôos estonteantes que reverenciavam o calor mortal, a necessidade do instinto antecipando a morte futura.

Melhor nem pensar. Pensar era irritante, considerando-se que sua força de vontade chegava a ser intransigente com as idéias negativas. Ah, e pensar dava medo também; muito medo. As mariposas caíndo fulminadas por causa da luz sedutora...

Chegou rápido à outra esquina das camas sem nome. Ele observava a cadeira de rodas como se esta fosse um prêmio merecido à sua frente. Era só subir e usar, e sair logo daquele chão que ele não queria nem saber do que era feito.

Avaliou a situação. Se não existisse nenhuma trava bloqueando as rodas, empurraria a cadeira com as mãos por uns metros além dos divãs. O motor não era muito barulhento, porém melhor era não arriscar. Não queria ser pego com a cadeira de rodas dos outros. Seria muito embaraçoso ter que ficar explicando o furto que estava cometendo, ainda mais se sua voz não ajudasse. Não tinha a menor idéia do que seria de sua garganta se começasse a falar demais, tendo de explicar os seus planos para aquela jovem ou para aquela *"pessoa bem especial que vai lhe contar até o que você nem está querendo saber"*...

Aliás, estava morrendo de vontade de falar. E sentia uma saudade louca por aquela voz que nunca tinha podido ouvir, pelas palavras que não tinha podido pronunciar. Nem sua memória se dignava a mostrar ele falando, e ele, para todos os efeitos, não passava de um mudo de corpo e alma. A verdade era uma só: conhecia mais os roncões do seu estômago do que a voz que carregava embutida na garganta.

Bem, com ou sem voz, com ou sem saudade, o momento não poderia ser mais inoportuno para um teste vocal. A mulher devia estar ainda dormindo, apesar de que poderia estar também fingindo, querendo escutá-lo, saber seus pensamentos, ler o que se passava em sua mente inquieta e ardilosa.

E isso significava alguma coisa? *Não!* Se a mulher dormia, tanto melhor! Se estava acordada e fingindo, pior para ela, porque ele iria pegar a cadeira de rodas de uma forma ou de outra, pois tinha muito mais o que fazer...

Os olhos que espiaram de esquelha, em um relance, por entre os entraves de metal de ambos os divãs, foram aos poucos aumentando e aumentando de tamanho, inflando-se como bolhas grandes, reagindo em comum acordo com os nervos, dadas as informações mais imediatas recebidas por estes. A torrente de divagações que nunca encontrava fim se desfez como por encanto, e muitas mensagens de perigo foram propagadas pelo cérebro, diretamente após a apresentação da nova imagem.

Também pudera. Se não era a coisa que o jovem menos esperava ver que estava agora a meio caminho do final da sala, como se tivesse ficado escondida, invisível, por muito tempo, tendo sido revelada neste exato instante...

Uma *outra* cadeira de rodas!

Ele ficou a observar a nova máquina sem se mover, o corpo inclinado, a boca aberta em um mesmo "O" mudo e minúsculo que já tornava-se sua

reação mais peculiar nos momentos de surpresa. Sem dúvida, uma outra cadeira de rodas. Um reflexo da primeira, de tão idêntica que era. Uma cópia, porque é comum para as indústrias fazerem séries de objetos repetidos.

O problema é que essa cadeira *não* estava ali antes, e *ninguém* tinha vindo trazê-la até este lugar.

"Controle remoto..."

A idéia surgiu carregada de alívio. Controle remoto era uma boa forma para aquela máquina ter chegado até aquele ponto, lá longe, bem no ponto onde antes houvera uma grande parede.

É... tudo se resolvia. A cadeira chegara até ali comandada pela terceira pessoa *"que vai lhe explicar tudo, até o que você nem quer saber"*. Alguém estava escondido por trás dessas paredes fluorescentes, colocando imagens virtuais pelas paredes, tirando paredes do lugar, e camas e travesseiros, curando feridas rapidamente... Realmente, alguém se escondia por ali, alguém que sabia de muitas coisas, e que tinha muitos controles remotos à disposição.

Pois bem, que esse personagem obscuro se mostrasse de uma vez, pois ele tinha muita coisa mais importante para fazer (!). Se essa terceira pessoa preferia ficar brincando no escuro com cadeiras de rodas teleguiadas, era problema dela! Ele sabia melhor do que qualquer um o que devia ser feito, e saberia também ignorar quem quer que fosse que estivesse por trás desse mundo de parafernalias loucas e sumiços.

Procurou tirar a cadeira teleguiada da cabeça, e tratou de arrastar-se de novo, seguindo em sua antiga trajetória em busca da cadeira de rodas da moça, primeira e única, segura e bem mais próxima.

O plano que tinha era simples e lógico: usar a cadeira da moça e sair dali para alcançar a outra que seria empurrada, se não até a frente da cama dela, ao menos até bem perto da sua, onde a jovem, fora do alcance de seus olhos, não encontraria maiores problemas para alcançá-la, quando acordasse.

Era um plano bem de acordo, apesar de que ele poderia simplesmente ter voltado atrás, engatinhando até a cadeira nova... Mas, e se houvesse algum truque? Uma cadeira de controle remoto dava margem para as mais diversas suspeitas, e ele não tinha a menor vontade de ser levado indefeso diretamente para as garras de seu executor. Sim, poderia ter engatinhado de volta, afinal tudo não passava de palpites, mas pensando bem, era melhor seguir os *bons* palpites, mesmo que isso exigisse um pouquinho mais de tempo, um pouquinho mais de esforço.

E além do mais, não tinha nenhum vínculo com aquela mulher... Ela que ficasse, portanto, com a nova cadeira de rodas. A ele só restava torcer para que esta não a conduzisse para nenhum perigo, e desculpar-se por ser um canalha.

Melhor ser um canalha *vivo*.

Trepou como um macaco pesado e velho na cadeira *número um*, não tendo maior êxito em relação ao silêncio do que quando tinha descido da cama. Não havia nenhuma trava segurando as rodas. Era só botar uma mão em cada roda, empurrar e empurrar.

As grandes rodas de bicicleta, cheias de arestas tão brilhantes e brancas quanto o ambiente que as rodeava e que nelas se refletia, obedeceram às mil

maravilhas, guiadas pelas rodinhas que ficavam lá atrás, encobertas porém funcionais. Sobressaíram alguns chiados e rangidos, a cada qual o rapaz torcia os lábios e franzia a testa. Talvez constrangidos pela cara feia dele, os rancos do veículo cessaram logo, e o que ficava era o leve som das rodas beijando com suas mil bocas o chão, associando-se ao gotejar da chuva.

Passando em frente à cama da mulher, viu seus pés quietos, não tão pequenos. Em suas fileiras, os dedos o fitavam sem reagir. Preferiu ir adiante, julgando estar tudo de acordo pelo silêncio dela.

Entretanto foi este mesmo silêncio, oriundo de outras fontes, que fê-lo suspender suas marchas, atentando para um fator que até então não tivera a merecida consideração de sua parte: *o barulho do motor. A cadeira número dois* tinha vindo até ali sem que seu motor fizesse *nenhum barulho!*

Ele parou entre o seu divã e a nova cadeira de rodas. Era igualzinha à da moça, essa cadeira tão suspeita. Todas as peças estavam engatadas nos mesmos lugares, tanto numa como na outra, e os motores que impulsionavam ambas também deviam ser do mesmo modelo, e fazer o mesmo barulho ao serem acionados.

Como então aquela enorme engenhoca tinha podido chegar até ali, *sem que soasse o seu motor?* E que não viesse a sua imaginação lhe dizer que *essa merda de máquina* simplesmente *tinha aparecido* nesse lugar... justamente ao contrário da parede que simplesmente desaparecera, ao contrário da cama enorme de fórmica e dos cobertores e do travesseiro lá no outro quarto que ficava em algum lugar! A cadeira podia ter aparecido, como por mágica, justamente porque a parede que antes existia nesse mesmo local já não existia mais. Isso era ótimo de se pensar por ser simples e explicar tudo, mas tornava-se praticamente impossível de se acreditar, por ser ilógico ou inadequado à realidade, às possibilidades, e daí a confusão se formava, instaurando o caos.

Vagaroso, o jovem foi mexendo a cadeira que tomara "*emprestado*" da moça adormecida, procurando chegar mais perto daquele paradoxo, encarando-o como tal, com toda a reserva. Se pudesse se lembrar melhor do que tinha se passado lá no outro quarto, talvez pudesse colocar um pouco de luz no caso. Todavia, a única lembrança lúcida que ficava era a certeza de que tudo acontecia nas suas costas, quando ele *não* estava prestando atenção! A cama tinha desaparecido nas suas costas, junto com...

Virou-se rápido!

Ótimo! O seu divã ainda estava no lugar, apesar do garoto encontrar-se de costas para ele.

... junto com o travesseiro... Não, este tinha sido jogado no chão, e nunca mais fora visto. Mas tinha também aquela porta em arco que abrira-se de repente, quando ele estava de costas, na parede do primeiro quarto, e aquela mulher linda que agora dormia e que surgira junto com a porta, *enquanto ele estava de costas!*

Por Deus, ele gostaria de poder manipular o tempo e voltar uns míseros minutos atrás para ver tudo acontecer de novo, ao invés de ficar arrancando os cabelos de tanto nervosismo. Quase todas as suposições que fazia a respeito dos sumiços incríveis eram muito pouco concretas para que pudessem atender o seu senso de realidade extremamente prático e lógico, e isso o enlouquecia, o atemorizava.

Por Cristo, a realidade fragmentava-se e se distorcia a cada momento de distração dele! Como poderia não enlouquecer?

E o jovem não via uma droga de uma linha no chão ou na parede, no teto, onde quer que fosse. Não percebia nenhum tipo de compartimento nem uma porta secreta, nem nada desse feitio nas paredes lisas. Teletransporte era coisa de desenho animado, de videogame, e nenhum fantasma poderia ter vindo às escondidas e empurrado a *cadeira número dois* até o meio da sala-corredor, aproveitando-se da falta de atenção do jovem, intercalando o "rrrrrrrr" das rodas da nova cadeira com os sons das pegadas quadrúpedes dele, enquanto este seguia ao encontro da primeira cadeira. Qualquer um teria percebido as rodas rompendo o vazio sonoro ao girarem, qualquer um teria percebido os passos de um fantasma. Só que ele não percebera nem passos, nem rodas girando, nem ruído de motor e nem passagens secretas e nem nada.

O que restava, quando o razoável não se apresentava; quando a prova não existia; quando ninguém poderia ter cometido o crime que de fato fora cometido... O que restava? O ridículo e a incoerência; dar ouvidos à loucura e aos seus termos ilógicos que dão lógica para tudo... restava o teleporte, e arrancar os cabelos!

Como é que era mesmo que acontecia nos desenhos feiosos de ação da TV, onde os personagens nunca morriam apesar de levarem dúzias de tiros? Um fecho de luz (não tinha visto *nenhum* fecho de luz) acompanhado por vibrações (*nenhuma* vibração) e pelo ruído rasgado de furadeira elétrica (*nenhuma* furadeira) e ZÁS! Alguma coisa, um objeto qualquer se materializava bem na frente dos narizes dos mais incrédulos.

Chegou mais perto, levando a mão que não parava de suar até os controles da *cadeira número dois*, sem parar de pensar na cogitação estranha do teleporte. Pensava na garota serrada ao meio pelo mágico, e na garota que entra num caixote e a porta é fechada, e ao ser aberta ela não está mais ali. Pensava nas danças da chuva dos índios, e nos magos que criam tempestades na aridez do deserto girando os dedos no ar. E pensava em fantasmas vistos por muitos, em muitos filmes, pois não poderia esquecê-los: fantasmas eram o fino do impossível que acontece. *E tudo era possível, não era? Claro que sim!* Duro é acreditar. Falar que uma cama inteira se transformou em nada em uns poucos segundos de distração, e jurar que isto é verdade e aconteceu de fato *por Cristo Jesus* é até bem simples, afinal a voz sai sempre *antes* da reflexão. É tão simples quanto descobrir tateando que se está na frente de uma materialização da impossibilidade; uma materialização perfeita, com rodas de bicicleta e banco estofado em preto, que até pegava na primeira ao ser ligado o seu motor.

Duro era acreditar.

Os dedos trêmulos tropeçaram na chave por duas vezes antes de conseguirem desativar o motor, que tinha tomado conta do lugar com sua voz rotativa. Os dedos, coitados, saltaram da segunda para a primeira cadeira como quem salta de um lado para o outro de um precipício para poder salvar a própria vida, e foram encontrar o aconchego de outros dedos familiares junto à barriga contraída do garoto.

Não era uma ilusão. Era uma cadeira de rodas igual a que roubara da moça adormecida que seus dedos tinham tocado. Até o motor que a fazia

viver era de verdade, e enchera o corredor com seu zunido monofásico e verdadeiro. Era a mesma chave de ignição, e o mesmo manche de controle, e o mesmo motor, que caso não fosse exigido por muito tempo pelo manche, desligava-se automaticamente, como estava acontecendo neste exato instante! Tudo era de verdade, só que essa verdade não podia ser... verdade. Estamos ou não estamos em um mundo fixo, pensava o jovem apavorado, onde o que acontece só acontece porque tudo já foi posto em seu lugar com antecedência, onde as coisas já foram descobertas e estudadas antes mesmo que as pessoas dêem-se conta de que elas existam. Estamos ou não estamos no mundo onde tudo é possível, *menos* o impossível? Até Deus existia, por ser até Ele possível, mas uma cadeira de rodas se materializar do nada, sem mais nem menos... ah, isso não existia! NÃO PODIA EXISTIR!

E o mais incrível é que o que não tinha como existir funcionara perfeitamente ao mais leve toque de seus dedos.

E a porta, as duas portas que tinham sido abertas em lugares diferentes quando ele não estava olhando? E a maldita cama, as mãos na cabeça, ele apertava os dedos no couro cabeludo com a cólera da ignorância expressa nas numerosas linhas do rosto... E a maldita luz que tirava as sombras do chão sem tirar dos olhos a vontade de ver? Nada de marcas, nada de pistas, nada de soluções. Paradoxos para todo o lado, em oferta, liquidação, vendidos à dúzia, tamanho pequeno ou *king size*...

Esfregou a mão na testa, mesclando o suor de ambas. A testa estava molhada assim como o cabelo estava molhado, pesado na cabeça, e a bermuda estava ainda mais vermelha de tão molhada, e o assento da cadeira estava molhado, e as pernas estavam molhadas, e *tudo* estava molhado! Menos sua boca, que de tanto ficar aberta estava seca como a terra de uma região que ele não tinha mais maneira de identificar, pois sua memória também estava seca. E, em meio às enchentes daqui e estiagens de acolá, seu pessimismo vegetava em solo dos mais férteis, protegido pelo medo do desconhecido que o cercava e o subsidiava vindo por todos os lados.

Ligou o motor de sua própria cadeira, girando a chave de ignição numa atitude sem nexos, desligando-o em seguida. Não saberia responder por que tinha feito tal coisa. Sabia que a barriga doía devido a um vazio que não tinha nada a ver com fome. Só isso.

Olhou para trás; a mulher ainda dormia em paz, o nariz pontudo e bem feito apontando para o teto, indiferente. Voltou-se para o estranho caminho, para o estranho objeto que estava próximo, caçoando dele, e cobriu o rosto com as mãos cobertas de sal e água.

A língua passeou pelos lábios, formulando um desafio, logo que as mãos abandonaram a face. Depois voltou para dentro de sua concha feita de dentes, atendo-se à missão que tinha de regar com saliva todo aquele terreno ressequido.

Virou-se de novo para a mulher, indeciso. Ela é que não acordaria tão cedo. Para que ficar morrendo de preocupação com ela?

Tornou às cadeiras de rodas gêmeas que se encaravam como dois monstros mecânicos, e ao caminho indefinido que tinha de trilhar. Só não tornou às falas por não saber o que dizer, nem por estar muito habituado a falar, e por este também ser um momento péssimo para que isso se desse.

Por instinto sua mão deu novamente a partida em sua máquina. O jovem sentiu um sumo alívio ao ouvir de novo o rosnado impaciente do motor, que ia se acelerando, se acelerando, o estator alcançando suas maiores possibilidades dentro do esquema eletromagnético do rotor. A cadeira de rodas estava pronta para o movimento, aguardando novas ordens que lhe fossem impressas através da alavanca direcional.

O garoto não sabia mais o que imaginar em relação a tudo o que sucedera-se nesse lugar onde a irracionalidade predominava. Estava exausto de ficar tentando tantos cálculos - a matéria era nova, ele não a conhecia e não sabia como lidar com ela, como devia acontecer com a matemática mais avançada. A realidade severa estava ali, e não tinha como ser desfeita ou discutida. Os fatos eram bem mais sólidos do que todas as teorias inflexíveis que sua memória tinha guardado consigo. Era perder tempo ficar se debatendo contra os fatos, contra as paredes e camas que somem e as cadeiras de rodas que aparecem...

"Será que as paredes podem mudar de... formato?..."

Ele balançou furioso a cabeça para os lados, sibilando como cobra. Paredes não se moviam e pronto! Onde já se viu uma parede ficar se arrastando por aí, ficar menor, ou engolir uma outra parede? Era o cúmulo; uma afronta às ciências e leis naturais, aos conhecimentos que adquirira (*Quando? onde?*)... uma afronta.

Aquelas paredes tão brancas, tão puras e melancólicas, com suas luzes embutidas. Ele as olhava, uma após a outra, e voltava à primeira, e virava a cabeça e procurava a de trás. Não via o que escondiam por trás do acrílico endurecido que as compunha; não via esclarecimento para suas perguntas. Via só o branco que enganava, escondendo sua sombra, deixando-o como se flutuasse no ar.

Talvez fosse desse modo a loucura...

Talvez fosse a tecnologia dos supercondutores, a realidade virtual, e as ciências do futuro, que o governo (*que governo?*) mantinha longe dos olhos do público...

"Talvez... Deus... seja... assim..."

Melhor parar de pensar. Pensar acabava com os nervos e o enlouquecia. Melhor apenas agir, enxergar, ver aonde iria dar aquele corredor sem fim.

Os agentes-secretos são conhecidos por agirem muito rápido, à queima-roupa.

A cabeça girou. A mulher dormia como um belo anjo em seu recanto. A parede de trás ainda estava em seu lugar, e as laterais também. *"Acho bom... estou ficando louco de tanto pensar nessa loucura toda!"*

O motor parou de funcionar devido ao tempo que se passara sem que tivesse sido exigido. A outra cadeira de rodas continuava muda, dormindo tão profunda e silenciosamente quanto aquela mulher no divã do fim do corredor, que seria sua futura dona.

Tudo, fora as loucuras, estava em ordem. Até sua barriga não ardia mais, e o chão era sólido como gelo. Restava apenas agir.

As mãos limpavam o suor no tecido da bermuda. Depois, a mão direita seguiu para o *joystick*. O motor voltou a roncar, e a cadeira iniciou seu trajeto, vagarosa, dando freadas e corridas bruscas em decorrência da pouca prática

do seu tripulante. O rapaz dirigiu-se, então, para a garganta de corredores que se desdobrava mais além.

Um olhar derradeiro do rapaz para o que estava ficando para trás. A linda mulher dormia, a outra cadeira de rodas dormia, e as paredes dormiam impregnadas pelas suas auras doces, celestiais. Tudo estava bem e a liberdade parecia estar situada depois da primeira curva do caminho. Restava rodar e rodar.

E as rodas rodaram, os trancos do motor diminuindo à medida que a habilidade do motorista crescia. A cadeira de rodas foi avançando com seu passageiro pela serpente de corredores leitosos com suas curvas sinuosas, à esquerda, à direita, à esquerda, à esquerda, em linha reta, à direita de novo, de novo em linha reta, e assim por diante... até que somente a chuva restou naquele que era o ponto de partida.

E enquanto a serpente dos corredores engolia sua presa movida pela curiosidade, a segunda cadeira de rodas, que tinha ficado no meio do caminho, começou a encolher e a diminuir, derretendo naquele chão alvo até desaparecer por completo, sem que ninguém pudesse ver isto ocorrer.

E a mesma cadeira emergiu no lugar da anterior, ao lado do divã que não era divã, onde a mulher dormia e sonhava. Isto, também ninguém viu.

Porque a Mãe preferia que fosse assim...

... que ninguém visse nada, até que chegasse a hora certa.

(continua...)